

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO – SEDE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
HABILITAÇÃO PORTUGUÊS

SILMARA DE FARIAS FERREIRA DA SILVA

**A RESILIÊNCIA DO HOMEM-PORTUGUÊS AO DESBRAVAR O MAR NA
POESIA DE CAMÕES E PESSOA**

DELMIRO GOUVEIA – AL
2019

SILMARA DE FARIAS FERREIRA DA SILVA

**A RESILIÊNCIA DO HOMEM-PORTUGUÊS AO DESBRAVAR O MAR NA
POESIA DE CAMÕES E PESSOA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Alagoas – *Campus* Sertão (Sede), como
requisito parcial para obtenção de
graduação em Licenciatura Plena em Letras
– Português

Orientador: Prof. Dr. Murilo Cavalcante
Alves

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRB-4/2209

S586r Silva, Silmara de Farias Ferreira da

A resiliência do homem-português ao desbravar o mar na poesia de Camões e Pessoa / Silmara de Farias Ferreira da Silva. – 2019. 49 f.

Orientação: Prof. Dr. Murilo Cavalcante Alves.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2019.

1. Literatura portuguesa. 2. Os lusíadas. 3. Camões, Luis Vaz de, 1524[?]-1580. 4. Mar português. 5. Pessoa, Fernando Antônio Nogueira, 1888-1935. 6. Resiliência. 7. Povo português. I. Título.

CDU: 82(469)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
COORDENADORIA DE GRADUAÇÃO - COGRAD

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e dois dias do mês de março do ano de dois mil e dezenove, às 14 horas, sob a Presidência do(a) Professor(a) Murilo Cavalcante Alves em sessão pública nas dependências da UFAL, Campus do Sertão, Rodovia AL 145, Km 3, nº 3849, Bairro Cidade Universitária - Delmiro Gouveia-AL, reuniu-se a Banca Examinadora de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **A RESILIÊNCIA DO HOMEM-PORTUGUÊS AO DESBRAVAR O MAR NA POESIA DE CAMÕES E PESSOA**, da aluna **Silmara de Farias Ferreira da Silva** sob matrícula 13113969 requisito obrigatório para conclusão do Curso de Letras – habilitação Língua Portuguesa, assim constituída: Prof. Dr. Murilo Cavalcante Alves (orientador); Profa. Dra. Paula Cristina R. R. de Moraes Cunha (Examinadora Externa) e Prof. Dr. Marcos Alexandre de Moraes Cunha (Examinador Interno). Iniciados os trabalhos, foi dado a cada examinador um período máximo de 30 (trinta) minutos para a arguição ao candidato. Terminada a defesa do trabalho, procedeu-se o julgamento final. Apuradas as notas, o(a) candidato(a) foi considerado(a) aprovada com média geral 9,0 (Nove inteiros). Na oportunidade o(a) candidato(a) foi notificado(a) do prazo máximo de 30 (trinta) dias, a partir desta data, para entregar a Coordenação do Trabalho de Conclusão de Curso, devidamente protocolada, a versão definitiva do trabalho defendido, em duas vias, impressas e encadernadas e uma cópia em meio digital (CD-ROM) com as correções sugeridas pela Banca. Nada mais havendo a tratar, os trabalhos foram encerrados para a lavratura da presente ATA, que depois de lida foi assinada por todos os membros da Banca Examinadora.

Delmiro Gouveia/AL, 22 de março de 2019.

Orientador

Murilo Alves

Prof. - UFAL

1º Examinador
Externo

Paula Cristina Ribeiro de Moraes Cunha

Prof. - UFAL

2º Examinador
Interno

Marcos Alexandre de Moraes Cunha

Prof. - UFAL

Aos mestres, que transmitiram saber e paixão.

A minha família, com carinho.

A Paul e Nina, com todo amor.

Ao Autor da Vida, que me possibilita ir além do que eu sonhei.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Deus, por tudo o que Ele é e faz por mim.

A minha família, por tantas palavras de apoio e incentivo, em especial, ao meu marido, por ser meu maior incentivador no dilema de levar adiante sonhos que ele nunca duvidou que eu fosse capaz de realizar.

Em especial, ao meu orientador, Prof. Dr. Murilo Cavalcante Alves, pela paciência e zelo com que sempre se dirigiu a mim e ao meu trabalho e por sua disponibilidade em repartir e multiplicar seus conhecimentos.

À banca examinadora, composta por um casal de professores que muito admiro: Prof. Dr. Marcos Alexandre de Moraes Cunha e Prof^a. Dr^a. Paula Cristina R. R. de Moraes Cunha, muito obrigado pela disponibilidade em ajudar com conselhos e motivação.

A todos os professores do curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas, dos *Campi* de Arapiraca e Delmiro Gouveia, dedicados ao Ensino, Pesquisa e Extensão.

“Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.”

(Fernando Pessoa, *Mensagem*)

RESUMO

O presente trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica qualitativa e exploratória da história de Portugal e seu povo em sua relação com o mar, tanto como limite geográfico que auxiliou em determinar características muito próprias a essa nação costeira, como também, perpassando brevemente em estudos de cunho sociológico, na compreensão do mar como parte integrante da identidade coletiva do povo luso, diante da experiência deste povo com as navegações marítimas como meio pelo qual Portugal alcançou seu apogeu, tornando-se um vasto Império dentre os séculos XV e XVIII. Através dessa pesquisa, buscamos compreender de que forma a característica resiliente do povo português em adentrar ao mar nas suas conquistas marítimas e essa relação entre o *homem-português* e o mar se evidenciam em *Os Lusíadas*, obra literária de Luis Vaz de Camões e no poema *Mar Português* de Fernando Pessoa, percebendo, após perpassarmos pelas obras literárias destes poetas portugueses que, mesmo em face dos perigos reais e imaginários que o mar encerrava para o *homem-português* medieval, este não se estagnou diante do objetivo de, mesmo em face do desconhecido mar, construir o Império Português através dos incógnitos *mares nunca antes navegados*.

Palavras-chave: Resiliência; Portugal; Os Lusíadas; Mar Português.

ABSTRACT

The present work deals with a qualitative and exploratory bibliographical research of the history of Portugal and its people in relation to the sea, as well as geographical limit that helped to determine characteristics very specific to this coastal nation, as well as briefly going through studies of in the understanding of the sea as an integral part of the collective identity in the Portuguese people, in the face of the experience of this people with maritime navigations as a means by which Portugal reached its apogee, becoming a vast empire between the fifteenth and eighteenth centuries. Through this research, we seek to understand how the resilient characteristic of the Portuguese people in entering the sea in their maritime conquests and this relationship between the *portuguese man* and the sea are evidenced in *Os Lusíadas*, literary work of Luis Vaz de Camões and in the poem *Portuguese Sea* of Fernando Pessoa, realizing that after the literary works of these illustrious Portuguese poets – Camões and Pessoa – that even in the face of the real and imaginary dangers that the sea posed to the medieval *portuguese man*, this did not stagnate before the objective of , even in the face of the unknown sea, build the Portuguese Empire through the incognito seas never before navigated.

Keywords: Resilience; Portugal; The Lusíadas; Portuguese Sea.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. PORTUGAL E O MAR: PIONEIRISMO E CORAGEM FRENTE AO “ESPELHO DO CÉU”	12
1.1 A Relação do Homem/Nação Português/a com o Mar	14
1.2 A Resiliência do Povo Lusitano Dentro de uma Perspectiva Sociocultural.....	18
2. CAMÕES E PESSOA: POETAS QUE RETRATAM A PÁTRIA	
PORTUGUESA	23
2.1 O Herói da Pátria em Camões na Representação do Povo Português “por mares nunca antes navegados”.....	25
2.2 O Poeta em Pessoa: a Pátria Portuguesa e sua Relação com o “mar salgado” de Acordo com o Nacionalista Místico	29
3. OS LUSÍADAS E O MAR PORTUGUÊS: O PROTAGONISMO DO MAR NOS GRANDES AUTORES LUSITANOS	35
3.1 A Resiliência do <i>Homem-Português</i> em Atravessar o Mar nas Obras de <i>Camões</i> e <i>Pessoa</i>	41
“VALEU A PENA...”.....	44
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

O caráter destemido presente na percepção que existe, historicamente, do povo português pode ser apreendido em obras de grandes escritores desta nação, como Luiz Vaz de Camões, renascentista que narra a epopeia portuguesa de Vasco da Gama rumo às Índias (e rumo a mais uma façanha da mítica nação portuguesa) e, também, em autores como Fernando Pessoa – o *supra-Camões* – que alcança, através da palavra em verso, a façanha de reunir, em duas sextilhas, séculos de história e ufanismo do mítico povo lusitano no poema “Mar Português”. Ao longo desta pesquisa histórico-bibliográfica, percorremos aspectos importantes da história da nação portuguesa e a relação desta com o *mar* em busca do apogeu de suas conquistas marítimas, mesmo que o homem português precise estar em constante presença da ameaça que o mar representava para os desbravadores, constatando, assim, a resiliente personalidade portuguesa diante dos desafios do desbravamento marítimo em suas navegações no século XV e início do século XVI.

A partir desta perspectiva indutiva, este trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica qualitativa e exploratória e terá como desenvolvimento uma coleta de dados bibliográficos e histórico-documentais referentes à temática geral e específica abordada, que seria a história portuguesa, desde a fundação de Portugal, para a compreensão da relação da formação dessa nação ibérica com o mar, através da visão de historiadores, em sua maioria, de nacionalidade portuguesa, como David Birmingham (2015), Oliveira Martins (2010) e A. Martins Afonso (1960). Além disto, este trabalho também tem como *corpus* principal as obras poéticas *Os Lusíadas* (1572) de Luís Vaz de Camões e o poema *Mar Português*, presente na obra poética *Mensagem* (1934) de Fernando Pessoa.

Além da coleta desses dados históricos, abordamos questões introdutórias sobre a vida e obra dos poetas Camões e Fernando Pessoa, expondo a relação destes escritores com a sua pátria, especificamente, no que concerne à suas abordagens do mar como elemento de suas obras poéticas, visando à compreensão dessa relação do *homem-português* com o mar em tais literaturas, através de estudos e ensaios como das estudiosas Júlia Tomás (2013) e Rita Marnoto (2007).

Ademais, refletimos sobre a definição e compreensão do que seria a *resiliência* como característica humana dentro de uma perspectiva filosófica, passando então para uma perspectiva antropológico-social, relacionando tal característica aos fatores histórico-sociais que constituem a formação histórica da pátria e do povo português. Assim, este trabalho foi desenvolvido através: 1) de pesquisa bibliográfica; 2) da leitura e fichamento dos textos

escolhido; 3) da identificação do elemento a ser analisado no *corpus* da pesquisa: a resiliência do povo Português em atravessar o mar, ilustrada em obras poéticas como *Os Lusíadas* e o poema *Mar Português*, de Fernando Pessoa; e finalmente, 4), segundo a resolução da problemática que tem sido levantada por este trabalho, relacionando tal questão aos textos de fundamentação que corroboram a teorização da questão.

Esse trabalho visa, assim, contribuir para a reflexão sobre um importante aspecto sociocultural do povo lusitano – a *resiliência* – em vista dos grandes embates históricos que foram protagonizados por este povo durante sua formação territorial em frente ao pioneirismo nas navegações marítimas exploratórias, e também, a forma como ilustres autores dessa pátria referenciaram esse caráter português através de suas obras. Os autores e obras escolhidos como objeto de pesquisa desse trabalho, indubitavelmente, são portugueses que põem em evidência suas profundas estimas patrióticas em suas obras, levando-nos assim, a quase que inevitavelmente, referenciá-los como escritores do *ilustre peito lusitano*, em toda sua elevação.

O presente trabalho divide-se, por conseguinte, em três capítulos que buscam percorrer sucintamente um pouco da história de Portugal, fazendo um breve estudo cultural e crítico-literário de Camões e Pessoa em suas obras *Os Lusíadas* e no poema *Mar Português*, no que se refere a relação do homem-português com o mar e com tais obras literárias.

No primeiro capítulo, empreender-se-á uma breve abordagem histórica sobre como teria se dado o estabelecimento da nação portuguesa a oeste da Península Ibérica, formando-se como uma nação costeira e tendo, dessa forma, forte ligação com aquele que seria tanto o seu limite geográfico como sua porta para o mundo: o mar. Este vínculo – homem e mar – também é abordado neste capítulo, buscando-se compreender o *mar* como um forte elemento na cultura da nação, frente ao seu significado histórico-social nas navegações marítimas no processo de instituição do Império Português, sendo posto em análise, dessa forma, a relação controversa e simultânea de apego e medo dos portugueses com relação ao mar.

Já no segundo capítulo, far-se-á uma introdução dos autores portugueses Luis Vaz de Camões e Fernando Pessoa, apresentando aspectos de suas vidas e obras, com o objetivo de perceber a relação de tais autores com sua pátria e com o mar em suas obras. E, no terceiro e último capítulo, será abordada de forma direta como vemos a obra *Os Lusíadas* e o poema *Mar Português* retratando em si a vivência da relação do *homem-português* com o mar de forma resiliente, encarando-o como um caminho que, apesar de tortuoso e extremamente penoso, também será rota para a glória portuguesa e sua distinção diante das demais nações mundiais, como um grande Império Marítimo e descobridor.

Previamente, entretanto, antes de adentrar-se nas obras poéticas, faz-se necessário percorrer os caminhos históricos que levaram tão grandes autores portugueses a cantarem o *ilustre peito lusitano*.

1. PORTUGAL E O MAR: PIONEIRISMO E CORAGEM FRENTE AO "ESPELHO DO CÉU"

Antes de sua fundação como *Estado*, como nos afirma José Mattoso (2000), “não é possível encontrar vestígio coerentes de uma nacionalidade portuguesa” (p. 7). Contudo, parece-nos interessante revisar de forma breve, mas crítica, a história anterior ao estabelecimento da nação lusitana, a partir de demais historiadores e estudiosos dessa nação.

Martins Afonso (1882), historiador português oitocentista, inicia sua obra *Breve História de Portugal*, observando que “Portugal, como Estado independente, surgiu em meados do século XII, mas a nacionalidade que lhe foi alicerce é bem mais anterior – mergulha as raízes nos longínquos tempos pré-históricos, e levou milênios a formar-se.” (p. 5). Dessa forma, a percepção da influência das várias invasões da Península Ibérica nos séculos anteriores ao estabelecimento de Portugal como nação trazem-nos importantes referências na formação do povo lusitano. Nessa região, vemos a configuração de seu povo se formando desde o estabelecimento dos povos pré-românicos (íberos e celtas) na ponta oeste da Península Ibérica (até cerca de 216 a. C.), e após isso, com as invasões romana (216 a. C.), visigótica (418 d. C.) e moura (711 d. C.), até a Reconquista (iniciada no período da invasão moura e terminada no início do século XV).

As invasões na Península vão, assim, forjando um povo de forte fibra, em batalhas sucessivas pela busca da formação da nação portuguesa e das demais nações hoje existentes nesse território. Os portugueses se percebem assim, desde sua origem, um povo que se vê sempre pronto a lutar pelo domínio de suas terras e, mais tarde, lançando-se ao mar, para a expansão do império pelos territórios ainda não “descobertos” e possíveis de serem conquistados.

Essa terra de conquistas e reconquistas foi formando sua identidade a partir das misturas dos povos, que buscavam na Península terras boas para agricultura, clima mais ameno, algumas riquezas minerais e homens bravos, além de ser um lugar estratégico para a política. Contudo, percebemos que, especialmente, a invasão muçulmana e a Reconquista são

acontecimentos determinantes na formação de três línguas peninsulares – o galego-português a oeste, o castelhano no centro e o catalão a leste. Estas línguas, todas três nascidas no Norte, foram levadas para o Sul pela Reconquista. (TEYSSIER, 2007, p. 8).

Com a língua se espalhando/formando pelo território denominado definitivamente de nação, a assim formada *Portugal*, desvencilhada politicamente do domínio de Castela (atual Espanha) em 1139 e com “[...] a conquista de Silves, o último reduto árabe da província (ou reino, como era tecnicamente designado) mais meridional, o Algarve, em 1249, Portugal definiu aquilo que na prática, são as suas fronteiras atuais.” (BOXER, 1969, p. 21), e a personalidade dessa nação também vai ganhando cada dia mais sua forma.

A língua também pode ser encarada, assim como já percebemos em distintos povos e nações, como um fator forte de identidade e personalidade geopolítico-cultural, especialmente quando esta é escrita, definindo estatutos e leis e criando uma identidade literária. Sobre a Língua Portuguesa, António Saraiva (2008) afirma que esta “assimila aportações milenares, influências das grandes literaturas europeias e está integrada a uma unidade cultural e literária peninsular que vão além do uso do galego-português ou do espanhol como marca de nacionalidade de um autor” (p. 11).

Mesmo, mais tarde, com a União Ibérica (1580-1640), Portugal vindo a integrar-se ao governo espanhol, a nação portuguesa se mantém distintamente *portuguesa*. Como nos afirma o historiador oitocentista português, Oliveira Martins (1882):

Há no gênio português o que quer que seja de vago e fugidio, que contrasta com a terminante afirmativa do castelhano; há no heroísmo lusitano uma nobreza que difere da fúria dos nossos vizinhos; há nas nossas letras e no nosso pensamento uma nota profunda ou sentimental, irônica ou meiga, que em vão se buscaria na história da civilização castelhana, violenta sem profundidade, apaixonada mas sem entranhas, capaz de inventivas mas alheia a toda a ironia, amante sem meiguice, magnânima sem caridade, mais que humana muitas vezes, outras abaixo da craveira do homem, a entestar com as feras. Trágica e ardente sempre, a história espanhola difere da portuguesa, que é mais propriamente épica: e as diferenças da história traduzem as dessemelhanças do caráter. (MARTINS, 1882, p. 11)

Oliveira Martins (1882) contrapõe as duas nações vizinhas – Portugal e Espanha – por vezes, rivais, em um tom deveras poético, sim, mas também com pormenores históricos, que possibilitam uma reflexão acerca da identidade da nação portuguesa frente à outra, superando-a em nobreza e profundidade de espírito. Esses sentimentos ufanistas acompanham o imaginário da nação portuguesa referentes a sua autoimagem ao longo dos séculos.

Não somente o fator da língua, mas muitos outros fatores de afirmação são importantes formadores da cultura portuguesa, que evidenciam caráter e força diante das

demais nações ocidentais conhecidas. A ida em busca de rotas marítimas de navegação que permitisse o alargamento dos domínios portugueses, tanto econômicos como geográficos, significaram consideravelmente como importantes, não apenas para o povo lusitano.

No livro *O Império Marítimo Português – 1415 – 1825*, do professor de Estudos Camonianos e de Português do King's College, C. R. Boxer (1969), logo no prólogo, já percebemos a importância do tema a ser tratado e de como as navegações portuguesas tomaram uma caráter de acontecimento que impactou o mundo conhecido, até então. Boxer (1969) afirma que

O cronista espanhol Francisco Lopez de Gómora, na dedicatória de sua História Geral das Índias ao imperador Carlos V, escrita em 1552, descreveu os descobrimentos ibéricos das rotas oceânicas das Índias Ocidentais e Orientais como 'o maior acontecimento desde a criação do mundo, depois da encarnação e da morte d'Aquele que o criou.' (BOXER, 1969, p. 19)

A bravura e vanguardismo nas navegações por parte dos portugueses e essa relação deles com o mar, a partir do momento em que se lançam ao descobrimento e conquistas de novos territórios, tornar-se-ão algumas das mais fortes características culturais portuguesas.

1.1 A Relação do Homem/Nação Português/a com o Mar

Como vemos em David Birmingham (2015), Portugal se distinguiu de diversas nações em aspectos de grande importância político-cultural, pois, segundo o historiador

Portugal é um dos mais bem-sucedidos sobreviventes da história. [...] Portugal também deixou sua marca em todos os cantos do globo por meio da colonização, da emigração e do comércio. Diferentemente da mais próspera Catalunha, esse país conseguiu escapar do cativeiro espanhol no século XVII. Ao contrário da igualmente dinâmica Escócia, não foi absorvido politicamente pelos ingleses, seu patrono econômico, no século XVIII. [...] Mas Portugal foi mais do que apenas um sobrevivente tenaz da história moderna. Foi também pioneiro em muitos acontecimentos históricos do mundo europeu. Os cristãos portugueses da Idade Média, com uma pequena ajuda de mercenários ingleses, lutaram violentamente contra os muçulmanos portugueses que, no século XIII, dominavam a borda ocidental da Europa. Os portugueses criaram o primeiro Estado-Nação 'moderno' na Europa, cujas fronteiras não mudaram desde a queda do antigo 'Reino Muçulmano do Ocidente' no Algarve. *Um século mais tarde, foram pioneiros do conceito de colonização ultramarina nas ilhas do Atlântico. Por volta do século XVI, encontraram a rota marítima para a Ásia.* (BIRMINGHAM, 2015, p. 15, grifo nosso.)

O pioneirismo diante do tão desconhecido e mítico mar nas navegações de cunho desbravador traz ao povo português uma ideia de "confirmação" de sua excepcionalidade

diante das outras nações ocidentais. Júlia Tomás (2013), autora do *Ensaio sobre o Imaginário Marítimo dos Portugueses*, corrobora tal afirmativa alegando que:

A tomada de consciência da importância dos feitos lusitanos cria os alicerces da poesia épica do século seguinte. Os grandes navegadores, *homens de gênio e de coragem que desvendam os segredos do Atlântico*, são profundamente admirados pelos seus contemporâneos e a literatura não tarda a fixar o perfil destes heróis. (TOMÁS, 2013, p. 49, grifos nossos.)

A autora também evidencia a ligação entre o povo, a nação portuguesa e o mar, ao afirmar que “considerando que as produções do imaginário e das fantasmagorias de uma comunidade humana expressam o que essa comunidade é e foi, uma análise profunda da rêverie do mar revela-se incontornável para compreender a idiossincrasia do povo português.” (TOMÁS, 2013, p. 5)

Ao iniciar sua discussão em *O imaginário dos navegantes portugueses dos séculos 15 e 16*, Luís A. Fonseca (1992) pontua algo muito importante logo no início, no que se refere à relação do navegante com o mar, ao deixar clara a visão do homem medieval com relação ao desafiante plano marítimo e que o *maravilhoso* para o homem medieval era um elemento no imaginário dos viajantes ao mar:

Assim, na Idade Média, não é o Atlântico em si que é maravilhoso; ele funciona como um dos âmbitos espaciais onde o maravilhoso tem lugar. Não se trata, portanto, do maravilhoso *do* oceano, como hoje se diria, mas do maravilhoso *no* oceano. [...] Assim, o maravilhoso oceânico tem um sentido não especificamente atlântico, antes aponta, como o horizonte onde ele tem lugar, para o quadro mais geral dos espaços marítimos desconhecidos. (FONSECA, 1992, p. 35, grifos do autor)

O mar seria, assim, o lugar no qual o homem encontraria o desafio de sobrevivência, encanto e elevação do homem-nação e, assim, como nos afirma Boxer (1969), “nalguns aspectos, o mar desempenhou certamente um papel mais importante na história de Portugal do que qualquer outro fator isolado” (p. 29). Os territórios terrestres do mapa estavam quase todos conquistados pelos vários povos que, até então, existiam. Agora, restava o *mar*. O *maravilhoso* tinha lugar nessa conquista. O homem nunca mais seria o mesmo. O mar forjaria um novo tipo de homem, assim como inaugurava novos e imensos desafios aos frágeis navegantes de suas águas incógnitas e infinitas a partir do início das navegações marítimas.

O início das navegações “em mares nunca antes navegados” (CAMÕES, Os Lusíadas, 2000, p. 1) pelas naus portuguesas teve início no século XII, mas atingiu seu auge no século XIV, época em que o comércio tinha se intensificado nas negociações de produtos feitas

pelo Mar Mediterrâneo. Contudo, com a tomada de Constantinopla (1453) pelos otomanos houve o bloqueio do Mediterrâneo oriental à penetração europeia e os portugueses foram impedidos de navegar por ele. Assim, estes tiveram que se aventurar pelo Atlântico em busca do novo caminho das Índias para obter as especiarias oriundas do Oriente, com vistas ao suprimento do mercado europeu. Por sua vez, era do interesse das novas ordens religiosas cristãs franciscanas e dominicanas, e desejo da Santa Fé, combater os mulçumanos e evangelizar os chamados “infiéis”, como descrito por A. Martins Afonso (1998) em seu livro *Breve História de Portugal* (p. 51), e enaltecido por Camões nas falas de Vasco da Gama n’*Os Lusíadas*.

Martins Afonso (1998) ainda aborda a questão geográfica do lado leste peninsular ibérico, que é onde Portugal se encontra, afirmando que “foi a *individualidade geográfica*, aliada à *situação geográfica* de Portugal – *largamente aberto e debruçado para o mar* – que fundamentou e fortaleceu a sua individualidade social e cultural.” (p. 7, grifos nossos).

Ainda sobre a particularidade geográfica do território português, Massaud Moisés (2008), em seu livro *A literatura portuguesa*, afirma que:

Portugal ocupa especial posição geográfica no mapa da Europa. Reduzido território de 90.000 km², limita-se com a Galiza ao norte, com a Espanha a leste, e com o Oceano Atlântico ao sul e a oeste. Como empurrado contra o mar, toda a sua história, literária ou não, atesta o sentimento de busca dum caminho que só ele representa e pode representar. Tal condicionamento geográfico, enriquecido por exclusivas e marcantes influências étnicas e culturais (árabes, germânicas, francesas, inglesas, etc.), havia de gerar, como gerou, uma literatura com características próprias e permanentes. [...] Diante da angústia geográfica, o escritor português opta pela fuga ou pelo apelo à terra de origem, matriz de todas as inquietudes e confidente de todas as dores, centro de inspiração e nutridora de sonhos e esperanças. *A fuga dá-se para o mar*, o desconhecido, fonte de riquezas algumas vezes, de males incríveis e de emoção quase sempre; ou, transcendendo a estreiteza do solo físico, para o plano mítico, à procura de visualizar numa dimensão universal e perene a inquietação particular e egocêntrica. (MOISÉS, 2008, p. 17, grifos nossos)

Destarte, o *homem-nação* português forma-se a partir e com sua costa limítrofe. Boxer (1969) também evidencia esta particular característica portuguesa ao afirmar que

Dize-se muitas vezes que os povos da Península Ibérica – e particularmente os Portugueses – estavam especialmente preparados para inaugurar a série de descobertas marítimas e geográfica que mudaram o curso da história mundial, nos séculos XV e XVI. Entre essas vantagens, enumerou-se geralmente a posição geográfica de janela mais avançada da Europa sobre o Atlântico e certas características nacionais desenvolvidas em oito séculos de luta contra os mouros. (BOXER, 1969, p. 20)

Dessa forma, o mar seria sua “ponte para o mundo”, atribuindo a Portugal um destaque especial diante das demais nações europeias, visto que, como nos afirma Boxer (1969), “a maior contribuição intelectual que os portugueses, através de suas viagens marítimas, proporcionaram à Europa, foi o conhecimento geográfico e a exatidão náutica. As suas cartas e rotas eram as melhores da Europa.” (p. 15). O autor ainda afirma que “os portugueses foram, na realidade, os descobridores dos impérios marítimos europeus.” (BOXER, 1969, p. 15).

Além disso, não somente as conquistas e enaltecimento da nação se deram com sua relação direta com o mar, mas também boa parte da formação identitária da cultura do povo português. Em seu ensaio, já citado, Júlia Tomás (2013) evidencia essa função profunda do mar em delimitar características e peculiaridades do povo e nação portugueses, advindas da relação homem/nação português/a com o mar:

O mar, ao condicionar a política, a economia e a cultura, marca indelevelmente a história portuguesa e determina também o imaginário nacional, unindo as memórias do passado às projeções do futuro. O imaginário português apresenta um elo forte com o espaço geográfico do país: nos confins da terra. Este aspeto, salientado por Tiago Pitta e Cunha (2011:10), ‘marcou não apenas a sua história, mas até o destino e o caráter coletivo dos portugueses. Uma história em que, por muito tempo, as opções se reduziram entre escolher o mar ou o isolamento.’ (TOMÁS, 2013, p. 7)

Logo no prólogo de seu ensaio, essa autora inicia sua fala com uma precisa proposição sobre a relação cultural dos portugueses com seu *limite salgado*:

Portugal, pela sua situação geográfica e pelo seu passado histórico da época dos Descobrimientos está intimamente unido ao imaginário marítimo. Após uma breve análise, é fácil notar a importância real deste tema na cultura nacional cujo perfume é de maresia e cujo sabor é de sal. Os portugueses sentem o mar. [...] As representações deste espaço lendário constituem uma tradição e uma memória comum no imaginário coletivo da ‘Casa Lusitana’. Considerando que as produções do imaginário e das fantasmagorias de uma comunidade humana expressam o que essa comunidade é e foi uma análise profunda da rêverie do mar revela-se incontornável para compreender a idiosincrasia do povo português. (TOMÁS, 2013, p. 5)

De fato, percebemos que há uma identificação sociocultural do povo português com o mar, largamente retratada em suas manifestações culturais, como a música e a literatura. Autores de diversas gerações “cantaram” o mar em suas obras. Em outro ensaio, desta vez do português J. Cândido Martins (1998), da Universidade Católica Portuguesa – Braga, ele traz uma ideia de como o mar, sendo um elemento de grande simbolismo nacional desde a

fundação de Portugal, passa a ser retratado pelos portugueses em diversas manifestações culturais:

A literatura e cultura portuguesas estão salpicadas de Mar, cheiram a maresia. Desde o princípio, o Mar foi a nossa paisagem quotidiana, impregnando profundamente a psicologia, as tradições, a literatura, a arte e até a gastronomia portuguesa. A inspiração marítima é tão antiga como a nossa literatura. Curiosamente, foram os poetas trovadorescos e palacianos (sécs. XII a XIV), que descobriram o Mar, bem antes das Descobertas quinhentistas. Com efeito, já nos alvares da nacionalidade o apelo do Mar se fazia sentir no lirismo amoroso galaico-português, com suas barcarolas ou marinhas, inspiradas na temática marítima. [...] Em suma, nascemos a ver, ouvir e sentir o Mar. Desde os alvares da nacionalidade, e terminada a conquista do solo, o Mar era o nosso grande chamamento, a nossa vocação essencial. Chegara o momento de partir e desbravar o Mar Desconhecido, torná-lo no nosso mar arável. Com essa partida, mudaríamos o rumo da nossa História e transformaríamos a face do mundo até então conhecido. Era a hora de ir para o cais e encetar a grande Viagem da Expansão. (MARTINS, 1998, n. p.)

Tal identificação sociocultural do povo português com o mar será explicitada mais a frente através das obras *Os Lusíadas*, de Camões e do poema *Mar Português* de Fernando Pessoa, obras aclamadas como ícones da Literatura Universal e mostras seguras do vínculo do povo português com o mar.

1.2 A Resiliência do Povo Lusitano Dentro de uma Perspectiva Sociocultural

A resiliência pode ser entendida, de acordo com estudos da Psicologia, como a habilidade humana em lidar com adversidades e problemas sem, contudo, sofrer modificações e debilidades diante de tais circunstâncias. De acordo com uma publicação de Nina G. Taboada (2006), na *Rev. Bras. Crescimento e Desenvolvimento Humano*:

O termo resiliência tem sua origem na Física e Engenharia, sendo um dos seus precursores o inglês Thomas Young. Nesta área, resiliência é a capacidade de um material para receber uma energia de deformação sem sofrê-la de modo permanente. Já nas ciências humanas, poderíamos definir inicialmente resiliência como a capacidade que alguns indivíduos apresentam de superar as adversidades da vida. (TABOADA, 2006, p. 105)

Tal característica pode, assim, ser atribuída a alguém diante da constatação de que, mesmo em face de infortúnios, mostra-se capaz de superar as adversidades e ir adiante, sem deter-se no caminho em detrimento dos obstáculos.

Ao relacionar ao povo lusitano uma característica como a *resiliência*, podemos percebê-la diante da experiência de formação territorial desta nação, de sua situação

geográfica na luta pelo estabelecimento de suas fronteiras e, especialmente, nos *desbravamentos marítimos* – ação pioneira dessa nação, que mudou o rumo da história mundial. Observa-se, assim, que essa característica é parte de uma história de força e resistência diante dos desafios propostos: pelos limites geográficos, pelos inimigos fronteiriços e pelos dilemas impostos aos lusitanos do medievo ao se depararem com a dúvida entre avançar em conquistas e domínios e lançar-se ao mar, ou conservarem-se em terra, mantendo-se aquém dos perigos do desconhecido e mítico *mar*.

Mais precisamente, sobre a motivação impulsionadora dos portugueses em adentrarem ao mar em uma época em que as luzes do conhecimento renascentista ainda não tinham tomado o lugar do obscuro período medieval (séculos XII - XV), este se mostra um forte indício de resiliência. Nesta época, muitos mitos permeavam as histórias referentes às navegações marítimas. Júlia Tomás (2013) traz ainda em seu *Ensaio sobre o Imaginário Marítimo dos Portugueses* uma perspectiva de como os navegantes medievais encaravam os perigos advindos no misterioso *mar*:

A imaginação medieval do homem europeu era uma complexa teia de lendas e de mitos inspirados pela concepção do inferno dantesco. O fantástico seduzia o homem. [...] o homem medievo tinha pavor face ao oceano e este sentimento refletia-se na fantasmagoria das trevas do Atlântico, do abismo no horizonte e das monstruosidades aquáticas. No entanto esta visão não era partilhada por todos, sobretudo por aqueles que tiravam o seu alimento e rendimento do mar. É certo que naquela altura o oceano representava a morte. (TOMÁS, 2013, p. 47)

Dessa forma, aquém ao medo, mesmo sendo o mar um elemento de grande receio, pois “o mar provoca igualmente o sentimento de medo ao evocar a imensidão, os poderes da natureza, da força cósmica e da glória divina.” (TOMÁS, 2013, p. 5), este espaço tão incerto se transformou na rota para o auge do Império Português. Mesmo diante dos infortúnios em alto mar, vemos homens dispostos, pela ambição ou pela pátria, a arriscar-se em empreitadas que custavam a vida de muitos portugueses. Tomás (2013) apresenta, ao longo de seu ensaio, os dilemas e dramas mais diversos enfrentados por tais navegantes portugueses medievais:

A conquista de Ceuta, em 1415, é o acontecimento que inicia a época dos Descobrimentos. A primeira fase desta era, dita ‘henriquina’ (até 1460), é marcada pela descoberta e exploração de quatro mil quilômetros de costa africana (até à Serra Leoa). [...] A passagem dos cabos foi um verdadeiro problema, quer do ponto de vista técnico quer psicológico. Os cabos constituíam problemas reais e eram marcados por uma profunda carga imaginária. A dobragem do Cabo Bojador constitui um primeiro ‘momento arquétipo de convivência direta e real com uma das maiores fontes de terror da Idade Média’ (Lopes, 1993: 89). [...] Com a passagem do Cabo Bojador, o medo viajou mais para sul, para o Cabo da Boa Esperança que se tornou no recetáculo dos medos anteriores. Aqui o medo tem todo o direito de

existir, pois ainda hoje é considerado um cabo difícil que constitui um verdadeiro desafio à mestria das técnicas náuticas. Notemos que devido às cruéis manifestações naturais nesta zona geográfica o imaginário tormentoso do desconhecido, mais uma vez, se consolidou através da angústia do vivido. [...] Há que reconhecer que existem situações extremas das quais nem a ciência nem a experiência podem salvar um navio. Muitas vezes o comandante nada podia contra os caprichos do mar. Visto não existirem motores, as embarcações dependiam dos ventos e das correntes. Por exemplo, a bússola revela-se inoperante em certas regiões com um determinado magnetismo, o astrolábio é inútil com tempo encoberto, o quadrante, um círculo de madeira onde estão marcados os graus de latitude e a que está suspenso um fio-de-prumo que deve estar paralelo ao chão, tinha uma precisão aleatória devido ao balanço do navio, as ampulhetas marcavam de forma imprecisa períodos de meia hora, e cordas com nós permitiam avaliar a profundidade do mar. Com tal equipamento a navegação era uma aventura perigosa, mesmo inconsciente. [...] Encontramos no imaginário trágico-marítimo a presença dos quatro elementos nas suas formas mais medonhas: o ar transforma-se em vento poderoso e em tempestades, o fogo devora o barco, a terra fenda o casco e a água inunda-o ou, quando gelo, esmaga-o. Em Portugal, a lista dos infortunados é bastante longa. Se as descobertas eram aventuras arriscadas, o regresso à metrópole era-o ainda mais devido ao transporte de cargas excessivas que ultrapassavam, de longe, as possibilidades das naus [...]. A travessia dramática mais conhecida é, sem dúvida, a de Pedro Álvares Cabral (1500), por nos ser relatada pelo escrivão da armada, Pêro Vaz de Caminha, na sua famosa carta a D. Manuel I. Para além de milhares de marinheiros incógnitos, Portugal perdeu alguns dos melhores capitães e comandantes da escola de pilotagem. A travessia dramática mais conhecida composta por treze navios e cerca de mil e quinhentos homens. Durante esta estranha travessia, o navio comandado por Vasco de Ataíde desaparece misteriosamente e quatro navios afundam no Cabo da Boa Esperança. Um deles era comandado precisamente por Bartolomeu Dias, ‘o Capitão do Fim’. A primeira armada enviada para as Índias, que marcou o sucesso de Vasco da Gama, foi também uma catástrofe do ponto de vista humano: se a viagem da ida fora arriscada e perigosa, a viagem de volta fora marcada pelo escorbuto. De mais de cento e cinquenta homens, apenas cerca de cinquenta regressam a Lisboa. (TOMÁS, 2013, p. 33, 36, 39, 40)

O pavor suscitado por tais infortúnios ao mar, contudo, eram sobrepujados pelos navegantes portugueses, que, cada vez mais, iam mais longe pela Coroa, pelo ouro e pelas conquistas. Ademais, “os oceanos representam o perigo e a sedução: por um lado as tempestades e os monstros marinhos, por outro lado o sonho de riquezas exóticas, de terras desconhecidas, de liberdade.” (TOMÁS, 2013, p. 5).

Havia, notadamente, diferentes motivações no intento do povo lusitano em se lançar ao mar, dentre as quais, Tomás (2013) ainda aponta como tendo sido não apenas a expansão territorial do reino lusitano, como também a disseminação da fé cristã em terras pagãs e o comércio crescente, como meio de ascensão das diferentes classes trabalhadoras:

Se no início as viagens tinham um objetivo descobridor, rapidamente se transformaram em campanhas expansionistas com objetivos comerciais. Notemos que a expansão tinha efeitos positivos para todas as classes sociais: os pobres tinham a possibilidade de emigrar, os clérigos viam a conquista como uma forma de servir Deus, os nobres serviam o rei e recebiam recompensas, e o rei adquiria prestígio a nível internacional. Os pescadores fizeram-se mareantes, ou seja, tornaram-se tripulantes de navios mercantes. O negócio do vinho, do sal e do azeite rendia. A

partir de 1441, foram os escravos e o ouro que se tornaram no maior incentivo mercantil. (TOMÁS, 2013, p. 34)

A decisão coletiva do povo luso de ir ao mar é baseada em uma série de fatores, alguns muito racionais e práticos, como a busca por domínios e comércios. Contudo, o povo lusitano também alimenta outras justificativas inclinadas ao misticismo que envolve a crença popular da nação portuguesa acerca de si mesma. Rita Codá (1999), em uma análise crítica do livro *Labirinto de um livro à beira-mágoa: Mensagem, de Fernando Pessoa*, de Clécio Quesado, afirma que “conforme está escrito no pórtico da Escola de Sagres, ‘Navegar é preciso, viver não é preciso’. A missão pela a qual Portugal fora ungido é a de navegar” (CODÁ, 1999, p. 1).

Como se a nação portuguesa estivesse comissionada divinamente a cumprir seu destino mítico, Portugal adentraria ao mar, também, para cumprir aquilo que lhe estaria reservado e o mar seria, assim, seu destino, sua sina. Tal crença é advinda, dentre outras influências, do *Mito Sebástico*, que Fernando Mendonça Fava (2008) elucida devidamente em seu texto homônimo ao tema:

O Sebastianismo, fenômeno psíquico e sociocultural português, nascido durante o século XVI, resulta de uma combinação de vários fatores, designadamente o declínio do Império; a presença viva na sociedade portuguesa de crenças messianistas e milenaristas; o aparecimento e divulgação das famosas Trovas do Bandarra; as singulares circunstâncias que rodearam o nascimento, a educação, o reinado e o desaparecimento do rei - menino, D. Sebastião; e a perda da independência nacional a favor de Castela. O mito foi gerado a partir do sofrimento e da tragédia de um povo que chorava a queda de uma Nação, a sua, que havia sido pioneira da navegação oceânica, e nesse campo havia desencravado o mundo e construído um Império pluricontinental. A *Glória* de tais empresas havia emprestado algum sentido a ideia mística de que os portugueses eram um povo predestinado para cumprir na Terra uma missão traçada pelos Céus. (FAVA, 2008, p. 266).

O mito que exalta a personalidade grandíloqua da nação, na esperança de sua restauração e retorno ao seu apogeu – voltando a ser o Império que conquistou territórios em diferentes partes do globo – envolve seu imaginário coletivo em um mesmo intento, em um mesmo desígnio. E o mar tem seu papel na tarefa reestruturação da fé e da moral nacional.

Sobre essa “misticidade”, Jacinto do Prado Coelho (1992) esclarece-nos que “misticismo pode entender-se também, em relação ao Português, no sentido de fatalismo e de messianismo. O Português, como tantas vezes se tem dito e a nossa literatura [portuguesa] confirma é por índole fatalista, por isso na adversidade paciente, resignado.” (p. 55). O autor exemplifica tais palavras ao abordar a música popular do fado considerada como representação cultural portuguesa:

O fado, a que se chamou ‘canção nacional’, dá-nos um quadro bastante completo de experiências e modos de comportamento que desembocam no fatalismo: o saudosismo, os ‘fumos da Índia’, o sebastianismo, ‘os espectros do passado’, a petulância marialva, a predisposição lancinante, a inércia e a indiferença cívicas, o narcisismo derrotista, a tacanhez, o desgosto da vida, a opacidade do futuro, isto tudo supera na ‘moral’ do fado e na sua vivência básica de um Destino inelutável. [...] Quando o misticismo patriótico dos nossos dias não se traduz na utopia do Quinto Império, revela-se, ao menos, no sentimento bastante aceso duma missão nacional (providencial) a cumprir. Dos *Lusíadas* de Camões à *Mensagem* de Fernando Pessoa, está presente a ideia de que os feitos dos Portugueses são o cumprimento dum plano divino a que os heróis obedecem. (COELHO, 1992, p. 56)

Adentrando-se, assim, (timidamente) em questões relacionadas à área de estudo da Sociologia, é possível perceber a relação entre Portugal e a faixa limítrofe costeira que possibilitou a conquista de seu império. Essa relação é ilustrada por Tomás (2016) em uma fala que vale a pena retomar-se aqui:

O mar, ao condicionar a política, a economia e a cultura, marca indelevelmente a história portuguesa e determina também o imaginário nacional, unindo as memórias do passado às projeções do futuro. O imaginário português apresenta um elo forte com o espaço geográfico do país: nos confins da terra. Este aspeto, salientado por Tiago Pitta e Cunha (2011:10), ‘marcou não apenas a sua história, mas até o destino e o caráter coletivo dos portugueses. Uma história em que, por muito tempo, as opções se reduziram entre escolher o mar ou o isolamento’. (TOMÁS, 2013, p. 7)

Relacionando o *mar português* à sociedade desta nação, concebe-se, assim, uma associação dicotômica: medo e deslumbramento, fuga e atração, pavor e fascínio.

Pode-se, então, perceber que tal comportamento reacionário cultural, de ir além do conhecido e não deter-se diante de desafios, pode ter uma relação com diversos fatores relacionados à formação do povo lusitano, formadores da identidade nacional. Sobre esse conceito identitário, Zhang Yuxiong (2016) aborda, em sua dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Aveiro, intitulada: *O Povo Português, segundo Teófilo Braga: raça e gênio*, que

A questão da identidade nacional pode ainda ser abordada sob o ângulo da psicologia étnica, em função das propostas pioneiras de Richard Handler (cf. Leal, 2000: 86), sublinhando-se, neste caso, que o que se manifesta na identidade nacional são justamente as características gerais apresentadas por um grupo que se singulariza em relação a outros, pela sua similaridade cultural, étnica, linguística ou, como ocasionalmente se verifica, geográfica. A premissa instituinte da identidade nacional é, como argumenta Handler, a existência de indivíduos ‘que têm uma alma, um espírito ou uma personalidade’, configurando um *indivíduo coletivo*. Este indivíduo múltiplo torna-se unitário, graças a ‘uma alma própria, refletida numa maneira de ser que lhe é particular’ (*apud ibidem*: 85). (YUXIONG, 2016, p. 22, grifos do autor.)

Esse indivíduo coletivo – o *ilustre peito lusitano* – passou, assim, a vislumbrar no mar uma saída para o mundo, uma rota para a glória. Mesmo que os objetivos que “chamavam” o navegante medieval português ao mar fossem extremamente incertos, quase uma aposta, permanecer em segurança na “terra firme” não era admitido por tais homens. A mando de sua Coroa ou na busca pela conquista de novas terras, sabores e riquezas, eles embarcavam rumo ao desconhecido. E, assim, Portugal crescia. Estes homens alargaram as portas do mundo para a nação lusitana, trazendo à existência o Império Marítimo Português e um importante capítulo da história da civilização ocidental.

2. CAMÕES E PESSOA: POETAS QUE RETRATAM A PÁTRIA PORTUGUESA

A Língua Portuguesa ganhou dimensões universais através da genialidade de tais autores lusitanos, fazendo com que os olhos do mundo se voltassem para Portugal diante de obras icônicas como *Os Lusíadas* (1572) e *Mensagem* (1934).

Camões, poeta renascentista, desperta até hoje o interesse e a atenção de leitores ao redor do mundo, com sua obra lírica e sua grande obra épica *Os Lusíadas*. Sobre o autor, Rita Marnoto (2007), na introdução de sua obra *Sete Ensaios Camonianos*, afirma que “se há autor que percorre, transversalmente, vários séculos e vários tempos, falando ininterruptamente aos mais diversos extratos da civilização portuguesa, para continuar a ser, na atualidade, um motivo central da nossa cultura, esse autor é Luís de Camões.” (MORNOTO, 2007, p. 5). Tal é o valor simbólico, histórico, cultural, intelectual, entre outros, que Camões exerce para a Língua e Cultura Portuguesas, que José Rodrigues de Paiva (2016, p. 13) traz em sua obra, *Celebrando Camões*, o ilustre fato de que o dia de celebração de Portugal – 10 de junho – prende-se ao ano de 1580, no qual se dá dia e ano de morte de Luís Vaz de Camões. A celebração de Portugal também é a celebração de Camões. A nação o vê como seu mais icônico símbolo nacional e sua obra é um verdadeiro legado.

O poeta Fernando Pessoa também vai, quatro séculos depois, deixar sua marca na terra lusa, destacando-a mais uma vez no panorama mundial da literatura universal em Língua Portuguesa. A genialidade do modernista mostra-se através de uma obra lírica de rica e profunda multiplicidade, através de seus temas universais, sua linguagem simples, porém profunda, que alcança os mais diferentes extratos da sociedade, além de desenvolver em sua obra fenômenos que envolvem sua escrita, como a heteronímia.

É infinda e continuamente crescente a quantidade de estudiosos que se dedicam ao extenso e primoroso trabalho de estudar Pessoa. Cleonice Berardinelli (1986) enuncia a singularidade deste poeta ao afirmar que “Fernando Pessoa é um poeta muito especial, o único que atribuiu seus numerosos poemas a ‘outros’ poetas por ele criados, por ele nomeados e biografados.” (p. 1). Mas este fenômeno, o da heteronímia, é apenas um dos fatores enriquecedores de sua obra. A poesia em Pessoa ganhou dimensões universais através de suas publicações em revistas e periódicos da sua época e, também, de seus escritos, deixados na célebre arca que guarda as mais diversas produções de Pessoa, e que, mesmo depois de muitos se debruçarem sobre esta, parece ainda conter extenso *corpus* de investigação e apreciação.

Além destes escritos, destaca-se a única obra publicada por Pessoa, *Mensagem* (1934), que vem marcar fortemente a literatura portuguesa, sendo um conjunto de poemas que retoma, de certa forma, o intuito de Camões, em *Os Lusíadas*, ao se caracterizar como um louvor a nação e ao ilustre povo português. Sônia Mara Ruiz Brown (2011), em seu artigo *As Quina de Mensagem e a “Ínclita Geração” em Os Lusíadas*, faz um paralelo entre as obras de Camões e Pessoa quanto ao fato de que

Pessoa e Camões propuseram-se a narrar e a interpretar a história de um dado período de Portugal, sob o ponto de vista da época em que viveram, da sociedade que os circundava e os influenciava, do próprio eu-poético e de suas respectivas idiossincrasias. [...] *Os Lusíadas* e *Mensagem* são marcos da literatura portuguesa e da literatura em língua portuguesa, e *Mensagem* dialoga, por meio do gênero poético, com *Os Lusíadas*. [...] A maior distinção que se pode fazer entre as duas obras épicas portuguesas diz respeito à finalidade de cada uma. As demais diferenças são decorrentes do objetivo buscado numa e outra. Camões celebra a viagem de Vasco da Gama às Índias e a história pátria, mantendo identidade com o Cristianismo, e registra, além da realidade histórica, a astronomia, as ciências da natureza, a geografia, a etnografia no intuito de fixar para a posterioridade as grandes façanhas de seus heróis. [...] Fernando Pessoa, em ‘As Quinas’, revela uma concepção mais personalizada da História, pois os grandes acontecimentos que demarcam o destino da nação portuguesa são determinados por atos isolados de apenas algumas personagens. [...] *Mensagem* não festeja o Portugal passado, mas aponta para o futuro, revela a esperança do que poderá vir a ser. Uma vez derrotado o país, tem agora todos os motivos para um momento futuro de glorificação e grandeza. O que foi humilhado será exaltado. (BROWN, 2011, p. 15, 16, 32 e 33).

Tais autores, através de tais obras, marcaram profundamente a literatura portuguesa, sendo ícones da nação e grandes nomes da literatura mundial. Camões, no século XVI e o *supra-Camões* – Pessoa – no século XX, elevam a nação portuguesa em suas obras e felicitam o mundo com um lirismo sem par.

2.1 O Herói da Pátria em Camões na Representação do Povo Português “por mares nunca antes navegados”

Dentre os mais aclamados e ilustres poetas até hoje conhecidos no mundo ocidental, Luis Vaz de Camões prefigura como o ilustre português que presenteou ao mundo com a epopeia em Língua Portuguesa *Os Lusíadas* e também uma obra lírica riquíssima.

Inúmeras são as biografias disponíveis que procuram retratar a vida de Camões em seus detalhes, contudo, fatos como, por exemplo, a data de seu nascimento, ainda são incertos, pois não trazem registros ou documentações explícitas. Massaud Moisés (2008), em *A literatura portuguesa*, afirma que

Pouco se conhece da vida de Luís Vaz de Camões. Teria nascido em 1524 ou 1525, talvez em Lisboa, Alenquer, Coimbra ou Santarém. Entrancado numa possível família aristocrática da Galiza, teria tido acesso à vida palaciana durante a juventude, da qual recebera estímulos para sua formação intelectual. Nesses anos, talvez acompanhasse algum curso escolar. Homero, Horácio, Virgílio, Ovídio, Petrarca, Boscán, Garsilaso constituem alguns dos seus autores preferidos. (MOISÉS, 2008, p. 72)

De acordo com Rita Marnoto (2007), em seu trabalho intitulado *Sete Ensaios Camonianos*, há de forma recorrente a ideia de que a vida deste grande poeta nacional deve ser rica em pormenores, e que, na falta destes, o que é feito por muitos é fantasiá-los, projetando nele, de modo novelesco, grandes mitos nacionais. Assim, “vão-se acumulando materiais que deixam de ser submetidos ao crivo crítico e passam a ser repetidos espontaneamente, de acordo com os mecanismos de reprodução característicos do senso comum.” (MARNOTO, 2007, p. 110).

Mas, ao que se sabe, dentre muitos biógrafos do escritor luso, a vida do poeta teria sido uma verdadeira aventura, com sucessivas jornadas marítimas por terras sob domínio português, nas quais ele trabalhou como soldado combatente ou representante do governo de seu país. José Rodrigues de Paiva (2016), em sua obra *Celebrando Camões*, traz uma breve explanação da vida do poeta, afirmando que

[...] Camões, esse andarilho dos mares que lutou ou simplesmente perambulou – e em qualquer dos casos sempre escrevendo sua poesia – por Ceuta, Moçambique, Goa, Macau, no Golfo Pérsico, no Golfo de Aden, em Malaca, na Cochinchina, pelas ilhas Molucas e as da Malásia até às de Banda, Sonda e Timor. [...] Em 1549 Camões foi para Ceuta, na África, na qualidade de soldado raso. Lá, em luta com os mouros, perdeu o olho direito. [...] Em 1552, na procissão de *Corpus Christi*, Camões envolveu-se numa escaramuçada e feriu a Gonçalo Borges, servidor do Paço, sendo preso por isso. [...] Camões viveu em Lisboa antes e depois dos 16 anos

em que andou embarcado pelo Oriente, servindo à pátria em comutação de pena de prisão. Morreria na capital portuguesa em 10 de junho de 1580. (PAIVA, 2016, p. 18, 19 e 67).

Tal data – de sua morte – é até hoje lembrada pelos portugueses por ter sido escolhida como o dia Nacional de Portugal, o que evidencia ainda mais a distinção ímpar atribuída a Camões por seus conterrâneos. Este representante do povo português “é o cantor da aventura do expansionismo, das descobertas, das conquistas, da construção do Império”. (PAIVA, 2016, p. 17) e, de acordo com Jacinto do Prado Coelho (1992), em *A originalidade da literatura portuguesa*, “somente em Camões se acha concentrado o espírito aventureiro e cristão das expedições marítimas que tornou Portugal a nação moderna que mais cedo entrou na vida histórica” (p. 73).

A importância desse autor para sua nação se reflete, também, no fato de este ser o poeta que desbravou o mar e vivenciou grande parte do que escreveu em sua epopeia. Este parece carregar em si mesmo o heroísmo descrito em *Os Lusíadas*, sendo o representante de uma nação que se lançou ao mar em sua jornada de expansão e conquistas, sendo, ele mesmo, um participante de tais conquistas.

Sobre o caráter destemido de Camões, Paiva (2016) nos diz que “bravura e sentimento são nele [em Camões] um contraponto constante: ‘Numa mão sempre a espada e noutra a pena’, diz o Poeta, e noutra parte, dirigindo-se ao Rei: ‘Para servir-vos, braços às armas feito,/ para cantar-vos, mente às Musas dada.’” (p. 15). Assim, Camões foi aquele que “escreveu um Livro-Pátria e o ofereceu à sua gente, um livro como ainda não havia nenhum em Portugal e só muito poucos na cultura universal de qualquer época.” (PAIVA, 2016, p. 15) e “um dos poetas portugueses acerca dos quais mais se escreveu, se não aquele sobre o qual, efetivamente, mais se escreveu.” (MARNOTO, 2007, p. 130).

Além da obra épica em língua portuguesa, *Os Lusíadas* (1572), parte do *corpus* deste estudo, destaca-se a sua poesia lírica. Esta é entoada universalmente, por sua profundidade e maestria, alcançando temas cotidianos ao passo que fala de questões existenciais. Sobre o autor lírico português, Massaud Moisés (2008) afirma ainda que

Camões é grande, dentro e fora dos quadros literários portugueses, por sua poesia. [...] de um lado, a maneira medieval, tradicional, a ‘medida velha’, expressa nas redondilhas; de outro, a maneira clássica, renascentista, a ‘medida nova’, subdividida em lírica, vazada em sonetos, odes, elegias, canções, églogas, sextilhas e oitavas.”(MOISÉS, 2008, p. 72)

Sua obra lírica é marcada por uma profunda conversação sobre dilemas dos mais variados do espírito humano, “convocando saber, experiência, imaginação, memória, razão, sensibilidade e tudo o mais que lhe confere a romântica áurea de gênio e de ‘maldito’ (pela vida desgraçada que levou e o quanto sofreu na carne o drama da condição humana).” (MOISÉS, 2008, p. 74). Com isso, vemos Camões adentrar em temas muito intrínsecos da sua existência, como o “eu”, a sua experiência com o amor e a mulher, a pátria, a vida, Deus. (MOISÉS, 2008, p. 74). Em um trecho, ainda de Massaud Moisés (2008), vemos uma notável explanação sobre como Camões desenvolve sua obra lírica a partir de sua experiência pessoal diante do mundo e sociedade em que viveu:

[...] o poeta penetra num labirinto descortinado pela sondagem no próprio ‘eu’, marcada por estágios de angústia crescente, à medida que progride a viagem interior. De onde o tom permanente de dor, mas de dor cósmica, no sentido em que é mais do que o sofrimento individual do poeta, é o universal ecoando nele e nele encontrando meio de expressão. Por conseguinte, o resultado dessa incursão nos escaninhos da alma consiste numa confissão ou autobiografia moral, assinalada pela ‘ânsia de infinito’. (MOISÉS, 2008, p. 74)

Sua obra poética é de grande destaque na literatura universal, sendo objeto de constantes e intermináveis publicações literárias e críticas, até hoje. Contudo, especialmente, a epopeia marítima portuguesa constitui-se um grande acontecimento literário do poeta. A esse respeito, Álvaro Júlio da Costa Pimpão (2000), no prefácio da edição de *Os Lusíadas* do Instituto Camões, vem trazer uma importante elucidação:

Não há qualquer notícia de que o Poeta tenha tido a ideia de escrever um Poema sobre o descobrimento de Vasco da Gama antes de partir para a Índia. Pode supor-se, interpretando alguns versos líricos, que várias ideias heróicas lhe passaram pela mente quando estava ainda em Lisboa, mas não concretizou nenhuma. É certo que o primeiro livro de Castanheda estava à sua disposição desde 1551 e a primeira das Décadas da Ásia desde o ano seguinte. Mas a elaboração de um plano épico não dependia apenas de duas ou três leituras. *Camões não ia escrever uma narrativa histórica; ia escrever uma obra de arte, servindo-se de um grande acontecimento histórico.* Decidir-se a optar pela fábula pagã também não lhe teria sido fácil, mas, além do exemplo do Mantuano, havia em Camões uma verdadeira idolatria pela beleza do paganismo. Sobre esta matéria estava Camões bem informado ainda antes de partir para a Índia, mas faltava inseri-la num grande campo de ação, que só a experiência marítima lhe daria. E quando falo de experiência marítima não quero referir-me apenas à dura vida de bordo, nem aos grandes fenômenos presenciados, mas às imagens visuais e auditivas que a própria vida do mar pôs ao alcance da sua retina e do seu ouvido e que vieram a transformar-se em versos imortais [...]. (PIMPÃO, 2000, p. 10, grifos nossos)

Dessa forma, o poeta constrói sua narrativa épica tendo por base seus estudos clássicos e suas influências literárias da mais alta estirpe clássica. Assim, sua vivência como viajante marítimo também lhe serve para compor a experiência da escrita da epopeia. Massaud Moisés

(2008) explana sobre a intencionalidade de tal obra, ao afirmar que “a viagem às Índias carecia de força dramática, como episódio histórico e motivação literária, para justificar, por si só uma epopeia de tão alto sentido e intenção.” (p. 79).

Sobre este ilustre poema épico em língua portuguesa, sabe-se que foi publicado em 1572 e que contém 1102 estrofes em oitava rima, e assim, 8816 versos decassílabos heróicos. A obra divide-se em 10 cantos, com três partes essenciais: 1) *Introdução*: que contemplam as 18 primeiras estrofes, contendo a *proposição*, onde o poeta propõe o que será cantado em sua obra; há também a *invocação*, parte na qual o poeta chama as musas do Rio Tejo para que estas o inspirem a cantar tal façanha portuguesa; e, na introdução, ainda vemos o *oferecimento* da obra que está prestes a compor feito pelo poeta a D. Sebastião, até então, rei de Portugal. Além da Introdução, a obra contém: 2) *Narração*: que se inicia no canto I, estrofe 19 e vai até o canto X, estrofe 144, contando a ação empreendida pelas naus portuguesas sob o comando de Vasco da Gama na busca pelo caminho às Índias. Por fim, a obra encerra-se com: 3) *Epílogo*: no canto X, estrofes 145 a 156, no qual o poeta faz a conclusão do poema.

A partir da narrativa histórica da viagem de cunho desbravador de Vasco da Gama rumo ao caminho das Índias, Camões constrói uma narrativa de grande carga poética, utilizando de influências clássicas e da história de Portugal, fazendo, assim, com que “*Os Lusíadas* representem com rara fidelidade e alto nível ideativo, o espírito novo trazido pela Renascença.” (MOISÉS, 2008, p. 78). Tal espírito novo se percebe em um fato que chama a atenção na epopeia camonianiana, diferindo das demais nas quais Camões colheu suas influência clássicas (*Odisséia* e *Ilíada* de Homero e *Eneida* de Virgílio), que é o fato de Vasco da Gama não ser o herói da epopeia, mas sim

o porta-voz dos que levaram a cabo a ousada empresa, ou símbolo do povo português em sua temerária arremetida contra os mares, no encalço de amplos horizontes geográficos e humanos. Os navegantes como uma unidade, ou mesmo Portugal como terra eleita de ‘armas e barões assinalados’, é que representam o papel de herói no poema. (MOISÉS, 2008, p. 78)

Essa obra, assim, coloca em evidência o povo luso, coroando-o como herói da epopeia, na qual, não apenas a ida de Vasco da Gama e sua tropa por *mares nunca antes navegados* é motivo de louvor no poema, mas, especialmente, a história do *ilustre peito lusitano* – reis, rainhas, príncipes, navegantes – que fundou e ergueu a nação portuguesa para ser uma das mais importantes da terra, com seu vasto Império Marítimo e imponente história de desbravamento e conquistas.

2.2 O Poeta em Pessoa: a Pátria Portuguesa e sua Relação com o “mar salgado” de Acordo com o *Nacionalista Místico*

Ter como tema central, não apenas o grande Camões, mas também a obra de um poeta tão importante e enigmático como a do português Fernando António Nogueira Pessoa (1888 – 1935), revela-se uma tarefa de profunda e quase inesgotável labuta. Sua extensa obra literária não seria o único motivo, mas também sua extensa *alma* percebida na obra, pois nesta existe um universo de pensamentos, um verdadeiro manancial do ser e do existir materializado em literatura.

Não obstante, também não deixa de ser uma saborosa e substancial experiência literária e, até mesmo existencial (por que não?). Ao iniciarmos o “mergulho em Pessoa” não imaginamos a profundidade para a qual podemos ser levados pelo poeta. Sua profundíssima alma e sua genial capacidade de nos conduzir na imersão em sua obra através da sua incrível retórica e inebriante arte da conversação, fazem, após certo tempo (e certa intimidade com a obra e o autor), perceber que estamos indo a águas profundas e gélidas, onde a “luz” da obviedade e da materialidade vai deixando de penetrar e onde já não tocamos “o pé no chão”. É um mergulho sem volta. Uma vez leitor de Pessoa, temos a impressão de que não se possa mais deixar de ter em mãos seus poemas, suas conversas profundas, sua voz universal.

A obra poética de Fernando Pessoa arrebatada e emociona por se projetar para muito além da poesia e se constituir num verdadeiro tratado da alma humana. Pessoa é um autor que se debruça sobre questões muito específicas do espírito humano, como se pode verificar no material do espólio que este nos deixou, ao confrontar seu leitor com os comuns infortúnios dos seres humanos e expor a alma para extrair dessa experiência a seiva da estupefação. É assim que nos sentimos quando lemos o poeta, pois vemos que ele consegue falar, descrever, explorar, esmiuçar o que muitas vezes não conseguimos, nem ao menos, nomear, de tão íntimo que nos é, mas que, para Pessoa, é um *barro* em perfeitas condições de modelagem, revelando, também, as inquietações do homem de sua época. Assim percebemos, através da fala de Massaud Moisés (2008):

[...] é preciso compreender que o poeta [Pessoa] não só assimilou o passado lírico do seu povo como refletiu em si, à semelhança de um imenso espelho parabólico, as grandes inquietações humanas no primeiro quartel do século XX. Com suas sensíveis antenas, captou as várias ondas que traziam de pontos diversos a certeza de que a Humanidade vivia uma profunda crise de cultura e valores. Por isso, para compreender-lhe a poesia há que ter em mira, além do aproveitamento que efetuou do espólio literário português, as turbulências verificadas na cultura ocidental durante os anos em que formou o seu caráter e divisou um caminho. Em

consequência, a sua poesia tornou-se uma espécie de gigantesco painel de registro sismógrafo das comoções históricas havidas em torno e em razão da guerra de 1914. (MOISÉS, 2008, p. 331)

Entretanto, antes de adentrarmos em sua obra, faz-se necessário conhecer o poeta que deu origem não apenas a sua poesia singular, mas também a outros incríveis poetas. A tal fenômeno criativo chamado *heteronímia*, que foi continuamente realizado por Pessoa, desde sua tenra infância até seus últimos dias de vida. Como nos afirma Leyla Perrone-Moisés (2001), em sua obra *Fernando Pessoa: Aquém do eu, além do outro*: “[...] o supra-Camões possuía, entre outros, o poder da multiplicação de personalidades e de obras.” (p. 12). Isso será um aspecto substancial em sua obra poética. É difícil especificar quantas personalidades literárias Pessoa pode ter trazido à existência. Sobre isso, Cláudia Souza e Nuno Ribeiro (2017) afirmam que:

Em seu espólio, encontramos mais de 100 assinaturas, fruto do seu desdobramento, da sua capacidade de despersonalização. De acordo com a análise dos documentos do seu espólio, o próprio Pessoa considerava como heterônimos apenas Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. Respeitando a documentação deixada pelo autor, os demais ‘eus’ que compõem a criação literária pessoana denominamos de personalidades literárias. [...] Cada um dos heterônimos (Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos) possuem uma biografia própria, um estilo próprio de escrita, ou seja, existem individualmente na complexa obra literária pessoana. Há, além disso, um diálogo não somente literário, mas, sobretudo filosófico entre os heterônimos, [...] (RIBEIRO, SOUZA, 2017, p. 14, 20)

Massaud Moisés (2008) afirma ainda acerca desse fenômeno da criação literária em Pessoa que

Os heterônimos constituem meios de conhecer a complexidade do real, impossível para uma única pessoa. O poeta [Pessoa] não poderia, obviamente, multiplicar-se em número igual aos seres viventes nas três dimensões temporais. Em vista disso, multiplica-se em heterônimos-símbolos, como se lhe fosse possível chegar a cosmovisões arquetípicas, necessariamente pouco numerosas, nas quais se enquadrariam todas as cosmovisões particulares, incapazes de se expressar como tal. Seria como encontrar as visões-matrizes da realidade, apenas alteradas no plano do indivíduo, e portanto passíveis de limitar-se, ao menos inicialmente, a um pequeno número, embora fosse inviável prever qual seria: a visão pessoana da realidade descortinaria comportamentos-padrões sem conhecer-lhe o número exato. (MOISÉS, 2008, p. 334)

Essa forma de “existir multiplamente”, adotada pelo poeta, demonstra ainda mais sua genialidade quando nos deparamos com as diferentes personalidades advindas da mente desse escritor; tais personalidades, formadas de características particulares, até mesmo com data de nascimento (e de morte, de Alberto Caeiro, apenas), com vozes distintas e, como nos afirma

Perrone-Moisés (2001), nascidas a partir da aspiração ao universal, como esperança da Unidade: “Sentir tudo de todas as maneiras / Viver tudo de todos os lados / Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo / realizar em si toda a humanidade de todos os momento / num só momento difuso, profuso, completo e longínquo.” (PESSOA, 1965, p. 344 apud PERRONE-MOISÉS, 2001, p. 29.). Cleonice Berardinelli (1985) também vem contribuir para o entendimento do fenômeno heteronímico pessoano. Ela cita uma explicação do autor sobre o porquê de chamar as personagens literárias por ele criadas de heterônimos e não pseudônimos: “Começou por chamar-lhes pseudônimas, mas mais tarde corrigiu, explicando: obra pseudônima é a obra do autor em sua personalidade, sob um nome diferente; obra heterônima é a do autor em outra personalidade e ‘justifica-se em alguém que se sinta vários’.” (BERARDINELLI, 1985, p. 2).

Assim, esse autor de estirpe universal, vem transpor limites criativos, mostrando ao mundo várias faces dentro de um mesmo homem.

Contudo, em nosso estudo, estamos diante apenas da obra ortônima de Fernando Pessoa, única publicada em vida: *Mensagem* (1934), na qual, assim como em *Os Lusíadas*, Portugal é louvado em poemas magistrais.

Sobre o ortônimo, sabemos que Fernando António Nogueira Pessoa nasceu em Portugal, na cidade de Lisboa em 13 de junho de 1888 – como este mesmo conta em sua autobiografia, escrita no ano de sua morte, 1935. Pessoa especifica neste escrito quais suas ideologias políticas, posições religiosa, patriótica e social, entre outras questões, revelando um pouco mais de sua vida e convicções, por vezes tão abstrusas e/ou dúbias aos que o conheciam e aos que o buscam conhecer até hoje. Assim, vale a pena um recorte do escrito:

Profissão: A designação mais própria será ‘tradutor’, a mais exacta a de ‘correspondente estrangeiro em casas comerciais’. O ser poeta e escritor não constitui profissão, mas vocação.

Funções sociais que tem desempenhado: Se por isso se entende cargos públicos, ou funções de destaque, nenhuma.

[...]

Posição Religiosa: Cristão gnóstico, e portanto inteiramente oposto a todas as Igrejas organizadas, e sobretudo à Igreja de Roma. Fiel, por motivos que mais adiante estão implícitos, à Tradição Secreta do Cristianismo, que tem íntimas relações com a Tradição Secreta de Israel (a Santa Kabbalah) e com a essência oculta da Maçonaria.

[...]

Posição patriótica: Partidário de um nacionalismo místico, de onde seja abolida toda infiltração católica-romana, criando-se, se possível for, um sebastianismo novo, que a substitua espiritualmente, se é que no catolicismo português houve alguma vez espiritualidade. Nacionalista que se guia por este lema: ‘Tudo pela Humanidade; nada contra a Nação’. (PESSOA, 1935, apud PERRONE-MOISÉS, 2001, p. 35)

Fernando Pessoa expõe nessa autobiografia um pouco do seu intento como homem religioso e patriota, aspectos que para ele se misturam, já que Portugal não se trata, a seus olhos, de uma simples nação. Pessoa se autodeclara (em uma carta a Adolfo Casais Monteiro, em 1935, na qual ele revela detalhes sobre a criação de seus três principais heterônimos), um *nacionalista místico* e um *sebastianista racional*. Esta autodesignação demonstra a afeição religiosa dada por Pessoa a sua nação. Influenciado pelos escritos arrebatadores da retórica do Padre Antônio Vieira, Pessoa enxerga sua pátria como aquela que se distingue de outras, retomando o ideal de Vieira de Portugal como o *Quinto Império* mundial. Berardinelli (1985) traz importante elucidação sobre essa questão:

[...] dissera-se o poeta [Pessoa] um místico nacionalista, um sebastianista racional. [...] O sebastianismo se alimenta da crença na volta de D. Sebastião, que virá das Ilhas Afortunadas, numa manhã de nevoeiro, para instalar no mundo o Quinto Império, isto é, o império temporal e espiritual, o domínio do Cristo. (BERARDINELLI, 1985, p. 4)

Entretanto, Pessoa não se caracterizava exatamente como aquele que abraçava essa teoria cristã de Vieira sobre a destinação atribuída a Portugal. Sua crença seria mais ligada à vocação da nação lusitana em emergir no mundo com um pensamento universal de cunho renovador, afirmando “[...] a sua confiança em que Portugal poderia voltar a ser uma grande potência construtiva e criadora, Um Império da Cultura”. (BERARDINELLI, 1985, p. 4). Sobre tal mito nacional, Fernando Cabral Martins (2017) acrescenta em sua obra *Introdução ao Estudo de Fernando Pessoa* que, de acordo com o que encontramos nos escritos das “Páginas Intimas” (1966) de Pessoa,

O nacionalismo é um tema especialmente aprofundado na última parte da obra de Pessoa, em que a componente esotérica e mística se acentua: o anúncio do Quinto Império [...]. O que é o Quinto Império? Reativado a partir do Padre Antônio Vieira, o Primeiro é o ‘império espiritual da Grécia, origem do que espiritualmente somos’, o ‘Segundo é o de Roma, o Terceiro o da Cristandade, e o Quarto o da Europa – isto é, da Europa laica depois da Renascença’. Quanto ao Quinto, ele não poderá ser o Inglês, pois não é de um império material, mas sim de um Império espiritual. Portanto ‘nós o atribuímos a Portugal, para quem o esperamos. (MARTINS, 2017, p. 204)

Porém, Portugal passa por certo declínio da sua moral elevada e de seu autoconceito de soberania após crises políticas e financeiras sofridas pela nação portuguesa ao longo da história, iniciando-se com o declínio das navegações de cunho desbravador no fim do século XVI e, então, com a União Ibérica (1580-1640), tendo como desfecho a tomada de Portugal pelo rei espanhol, resultado da união dinástica entre as monarquias de Portugal e da Espanha

após a Guerra da Sucessão Portuguesa, Felipe II (Rei de Portugal) e também da Espanha (como Felipe III) governaria ambas as nações por 60 anos, e, após outras crises posteriores e, de certa forma, advindas destas.

Entretanto, para que Portugal viesse a cumprir tal comissionamento de tornar-se o Quinto Império, “[...] seria necessário antes de mais nada levantar a moral da nação, abatida pelo complexo de inferioridade em que caíra historicamente.” (BERARDINELLI, 1985, p. 4). Em uma entrevista dada por Pessoa ao jornalista Augusto da Costa, em 1934, como consta no ensaio (homônimo à obra publicada por Pessoa em vida) publicado por Cleonice Berardinelli na *Revista Letras* da Universidade Federal do Ceará, em 1985, Pessoa responde na entrevista ao questionamento de como fazer tal feito de levantar a moral da nação lusitana:

Só há uma espécie de propaganda com que se pode levantar a moral de uma nação – a construção ou renovação e a difusão conseqüente e multímoda de um grande mito nacional. [...] temos, felizmente, o mito sebastianista, com raízes profundas no passado e na alma portuguesa. Nosso trabalho é, pois mais fácil; não temos que criar um mito, senão que renová-lo. Começemos por nos embebedar desse sonho, por o integrar em nós para o encarnar. Feito isso, cada um de nós independentemente e a sós consigo, o sonho se derramará sem esforço em tudo o que dissermos ou escrevermos e a atmosfera estará criada, em que todos os outros, como nós, a respirem. [...]. Então se dará na alma da nação o fenômeno imprevisível de onde nascerão as Novas Descobertas, a criação do Mundo Novo, o Quinto Império. Terá regressado El-Rei D. Sebastião. (BERARDINELLI, 1985, p. 4)

O Sebastianismo apresentado por Pessoa, assim, se mostrava aliado a um ideal de sustentáculo patrimonialista e cultural da nação, a qual ele não negava uma grandeza mítica. Dessa forma, era claro como o poeta via no mito sebastianista uma oportunidade de, pensadamente, influenciar positivamente a nação a se posicionar novamente de forma patriótica e inflamada, de moral elevada pela terra lusitana, acreditando nas potencialidades da nação.

Destarte, a obra *Mensagem* (1934), publicada um ano antes da morte do autor, faz um louvor a nação portuguesa, contextualizando história e mitos lusitanos. Esta obra, dividida em três partes: *Brasão*, *Mar Português* e *O Encoberto*, inicia-se como uma jornada histórica percorrida através das simbologias vistas no brasão da bandeira da nação portuguesa.

Sobre esta primeira parte, “Brasão”, Berardinelli (1985) afirma que “o percurso histórico ao longo da primeira parte se fez cronologicamente, exceção feita para a inserção de D. Sebastião, como a dizer a sua atemporalidade. Cronológico será o roteiro mar adentro.” (p. 8). Além disso, a autora assinala que:

Há nessa primeira parte de *Mensagem* [...] um sucinto resumo da história de Portugal, desde Ulisses, que aí chegara por mar, até os três personagens históricos que preparam e consomem a sua conquista. O caminho pela terra não é marcado; o caminho pelo mar se fará passo a passo na segunda parte: *Mar Português*. (BERARDINELLI, 1985, p. 7)

Percebemos, dessa forma, que Pessoa inicia *Mensagem* a partir de uma perspectiva histórica, mas também mítica, como nos confirma Heitor Ferraz (2010), em seu texto complementar sobre a vida e a obra de Pessoa na edição de *Mensagem*, publicada pela *Abril Coleções*, ao afirmar que:

O poema [*Mensagem*, 1934], desta forma, parte de uma nostalgia de um império perdido e ausente, e que só pode ser concebido, agora, no texto da literatura e da cultura, como em um sonho de futuro. [...] a beleza do poema nasce desse sonho que se instaura na palavra poética, uma palavra messiânica e mística. (FERRAZ, 2010, p. 110)

Pessoa inicia, assim, sua obra, relembrando os grandes nomes fundadores da nação lusitana e, em suas entrelinhas, reafirmando a soberania mítica que levou Portugal ao seu apogeu, levando-a a ser uma nação-chave na história, não só do povo europeu, mas de todo o mundo conhecido.

Na segunda parte da obra – que é onde se encontra o poema homônimo *corpus* que utilizamos nessa pesquisa – intitulada *Mar Português*, Pessoa também se debruçará sobre importantes momentos e personagens que fazem parte da história das navegações marítimas portuguesas. Ela continua sendo uma declaração histórica e mítica dos desbravadores do “mar salgado” diante de suas missões providenciais, sendo: “‘Mar Português’, a segunda parte de *Mensagem*, em que se transitará do concreto ao abstrato, do real para o imaginário, da história para o mito.” (BERADINELLI, 1985, p. 10).

Para a última parte do livro, “O Encoberto”, Pessoa reserva a mais mítica referência à destinação pretendida a Portugal. Assim, “do D. Sebastião que ficou no areal destaca-se o que, navegando por um mar atemporal e anespacial, sairá de suas Ilhas Afortunadas, rompendo o nevoeiro, naquela Hora que se espera. É esse rei que ocupará todo o espaço da terceira parte, ‘O Encoberto’”. (BERADINELLI, 1985, p. 10). Nesta mesma parte, vemos o pessimismo da corrente sociedade portuguesa em frente ao futuro mítico a ela pregado e prometido através do mito messiânico do Sebastianismo, retomado a partir da visão espiritual, mas não religiosa, de Pessoa. E por essa obra, o mar passou de forma imponente por ter sido nele que grande parte da história de Portugal foi vivida.

Desta forma, em *Mensagem*, vemos reunidos história e credo, na qual Pessoa entoa, em primeira pessoa, um dos fados mais cantados na nação: o poema “Mar Português”. “Com este poema que todos sabemos de cor, o poeta resgata o nosso subconsciente coletivo, celebrando quer o heroísmo dos que pereceram, quer o sofrimento dos que ficaram em terra.” (MARQUES, 1998). O mar, nessa relação de amor e temor com a nação portuguesa, preconiza a grandeza da alma portuguesa, ao não ser tomado como objeto de arrependimento, mas de glória e ufanismo, revelando-se assim, tão próprio da nação lusitana, que estes o chamam de seu.

3. OS LUSÍADAS E O MAR PORTUGUÊS: O PROTAGONISMO DO MAR NOS GRANDES AUTORES LUSITANOS

A ligação do povo português com a grande faixa limítrofe costeira de seu território ante o resto do mundo é corroborada ainda pelo historiador português Afonso Marques (1998) quando afirma que “as características essenciais do nosso território, e particularmente a atração do litoral, influenciaram toda a atividade nacional e fizeram dos Portugueses um povo de marinheiros e de colonizadores.” (p. 7).

Desse modo, o povo já estabelecido naquelas terras, denominado *português* desde o início do século XII, percebeu no mar a rota mais próxima para o sucesso e riqueza nacionais. Os “progressos científicos, resultantes dos estudos geográficos, e também o aperfeiçoamento naval, com a invenção do leme e o uso da bússola, permitiam o governo dos navios em alto mar.” (MARQUES, 1998, p. 51).

O homem português já iniciava suas viagens marítimas desde a fundação de Portugal: “No século XII, já ocorriam navegações pela costa com caráter mercantil. Há documentos da concessão de salvo-condutos a portugueses pelo rei da Inglaterra, numa comprovação de que as relações comerciais com outros reinos por via marítima se intensificaram no século XIII.” (RODRIGUES, 2012, p. 22). Dessa forma, o *navegante português* nasce com o próprio *homem português*. Essa relação se intensificaria ao longo do tempo e tomaria caráter de identidade para o povo luso, ao ponto de a obra literária ímpar de representação do povo português ser uma epopeia marítima: “Os Lusíadas representam a faceta épica da poesia camoniana. Publicaram-se em 1572 [e é] considerada o ‘Poema da Raça’, ‘Bíblia da Nacionalidade’. [...] O poema tem como núcleo narrativo a viagem empreendida por Vasco da Gama a fim de estabelecer contato marítimo com as Índias.” (MOISÉS, 2008, p. 77).

Tal obra louva Portugal pelo povo que representa, sendo uma fundamental obra do Humanismo português, como nos é dito por José Rodrigues de Paiva (2016), estudioso da Literatura Portuguesa, em seu livro *Celebrando Camões*. Segundo o autor, “*Os Lusíadas* não só são a epopeia do expansionismo luso, são também o poema de descoberta da humanidade do Homem”. (p.15).

O autor d’*Os Lusíadas* também prefigura como um modelo de *homem português* de grande importância nacional: “este Poeta [Camões] é um Poeta-Nação, que encarna no seu exemplo humano e na dimensão da sua obra, todo o anseio, o espírito, significados e valores nacionais.” (PAIVA, 2016, p. 18).

Logo no início de sua obra icônica, Camões já inicia seu louvor a Portugal e situa seus protagonistas no mar: *As armas e os Barões assinalados / Que da Ocidental praia Lusitana / Por mares nunca de antes navegados / Passaram ainda além da Taprobana*. (CAMÕES, 2000, p. 1). Estes eram os representantes da pátria, dispostos a ir além do que qualquer outra nação tivesse ido até então. A Taprobana (nome antigo dado pelos gregos e romanos à ilha de Ceilão, atual Sri Lanka), conhecida nesse contexto como sendo o limite de até onde se havia chegado nas navegações que buscavam alcançar as Índias, é mostrada como superada pelo portugueses n’*Os Lusíadas*. O mar estava sendo conquistado, muito além do que se imaginava poder ser. Logo na proposição de *Os Lusíadas*, antes da narrativa da ação vivida pelo ilustre povo lusitano, o autor já nos confirma o valor dessa gente:

*E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade;
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,
Pera do mundo a Deus dar parte grande;*

Estes seriam os que desbravariam e iriam *além do que prometia a força humana*. O mar, entretanto, além de *lugar* de conquista e expedições, pode ser visto na obra camoniana, também, como *protagonista* da história lusitana. A ele Camões atribui personalidade: *Na alagoa Meótis, curvo e frio, / As divide, e o mar que, fero e horrendo, / Viu dos Gregos o irado senhorio* (Canto II, p. 100); emoções: *E vereis ir cortando o salso argento / Os vossos Argonautas, por que vejam / Que são vistos de vós no mar irado* (e personificação, dada a relação mitológica, pois Netuno/Poseidon é representado como figura humana), */ E costumai-vos já a ser invocado* (Canto I, p. 05); também, pensamento: *Agora vedes bem que,*

cometendo / O duvidoso mar num lenho leve (Canto I, p. 08); ações: *Desfez-se a nuvem negra, e cum sonoro / Bramido muito longe o mar soou* (Canto V, p. 228); *Esta passada, logo o leve leme / Encomendado ao sacro Nicolau, / Pera onde o mar na costa brada e geme;* (Canto V, p. 231); *No mais interno fundo das profundas / Cavernas altas, onde o mar se esconde,* / *Lá donde as ondas saem furibundas / Quando às iras do vento o mar responde* (Canto VI, p. 260). (CAMÕES, Os Lusíadas, 2000, grifos nossos).

Este – o mar – é personagem: agente, atuante, vivo. Em *Os Lusíadas*, a história da ilustre nação lusitana se passa neste “espaço/personagem”, sendo este, também o palco da história do poeta, que transpassa em meio à epopeia, cenas e vivências de sua existência como ilustre lusitano. Em seu texto *Mar e Lusofonia*, Manuel Ferreira Patrício (2015) afirma que

V. Graça Moura explica muito bem a raiz e o sentido da obra épica, e lírica, de Camões: "Pode dizer-se que Camões viveu literária e literalmente a revolução planetária do seu tempo com olhos clássicos[...]. Os feitos dos deuses e heróis clássicos foram ‘fabulosos’, ‘fingidos’; os feitos dos navegadores portugueses foram reais. (PATRÍCIO, 2015, p. 304)

O mar foi, assim, um lugar de afirmação do valor lusitano diante de seu tempo: diante do desafiador mar, a nação ao extremo oeste europeu banhada pelo oceano Atlântico não temeu. O homem emergente da antiga era – Medievo – para o que seria a nova era – a Era Moderna – encontrando em Camões, mais especificamente, em sua epopeia, como nos afirma Proença Filho (1978), em sua obra *Estilos de época na literatura: através de textos comentados*, “uma supervalorização do homem, o homem suplantando-se a si mesmo, o homem poderoso, capaz de vencer a Netuno e a Marte.” (p. 114).

Sobre esta época tão característica na qual viveu Camões, vê-se a importância de explicar sua influência na escrita deste poeta, pois se caracterizou como

[...] um período intelectual singular da história sociocultural, econômica e política de Portugal, da Europa e do Mundo. Procurando sintetizar os pontos essenciais da época que Camões viveu, Vasco Graça Moura refere os valores do humanismo clássico do Renascimento, o avanço teórico e prático do poder central, as descobertas geográficas e a conseqüente explosão de conhecimentos empíricos, fontes do desenvolvimento científico propriamente dito, a repressão inquisitorial, o pensamento heterodoxo, a rápida transformação dos costumes, das mentalidades e das estruturas sociais, a cupidez, a alteração dos consumos, o despovoamento das regiões do interior devido à atração exercida pela vida mercantil da capital e do ultramar, etc. (PATRÍCIO, 2015, p. 303)

Este foi o momento em que Camões escreveu *Os Lusíadas* e “há nas estrofes uma exaltação da aventura, na revelação de uma atitude em busca de novos horizontes onde o

homem possa expandir-se, ampliando um mundo pequeno demais para o seu poder.” (PROENÇA FILHO, 1978, p. 114). Logo nas primeiras estrofes da epopeia camoniana, na proposição, os portugueses são apresentados como aqueles que estariam à frente das maiores aventuras até então vividas pelo homem, como canta o poema.

*As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;*

*E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.*

*Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.
(CAMÕES, Os Lusíadas, 2000, Canto I, p. 1)*

Dessa forma, o mar que foi desbravado por tais homens o teria sido pelo fato de tais homens terem em si um caráter ímpar, ainda não visto entre os desbravadores de tais águas. O homem lusitano não hesitou diante da grande tarefa de cruzar oceanos desconhecidos – Atlântico Sul e Índico – para chegar onde fosse preciso para elevar a nação portuguesa a mais alta distinção de nação imperial.

Fazendo um paralelo entre Camões e o *supra-Camões*, que viria mais uma vez elevar a nação portuguesa aos mais altos patamares da literatura universal, vemos em Fernando Pessoa aquele que traria novamente o *mar* como objeto nacional de distinção diante das demais nações do mundo.

O mar se caracteriza mais à frente, na obra do ilustre português modernista Fernando Pessoa, como sendo propriamente da nação portuguesa. Em seu livro *Mensagem*, único publicado em vida pelo autor, Pessoa homenageia Portugal com poemas cheios de história e misticidade. Os personagens que Camões eleva como representantes da pátria e do povo

português em sua epopeia retornam em Pessoa como os elevados detentores da estima da nação e figuram como autores do orgulho português.

A sua obra *Mensagem*, “pode ser vista como a síntese poética de uma das facetas de Fernando Pessoa, a do intelectual que, desde o seu regresso à pátria, começa a elaborar uma série de projetos de índole nacionalista.” (FERRAZ, 2010, p. 109). Ainda como afirma Heitor Ferraz (2010), em um texto complementar de uma publicação de *Mensagem*, na edição especial *Clássicos da Abril*, nesta obra

Percebemos uma revisão histórica de Portugal, com seus heróis e mitos, não com o objetivo da exaltação vazia e vulgar, mas para restaurar o futuro glorioso, mesmo que problemático, de Portugal. Como diz o crítico Eduardo Lourenço, é impossível não comparar esse volume com o grande poema de Camões, *Os Lusíadas*. [...] A beleza do poema nasce desse sonho que se instaura na palavra poética, uma palavra messiânica e mística. É como se Pessoa lançasse o sonho da restauração do antigo império Português não mais na conquista material, mas cultural e memorial. (FERRAZ, 2010, p. 109)

Como já fora posto anteriormente, a obra *Mensagem* é dividida em três partes: *Brasão*, *Mar Português* e *O Encoberto*. “Cada uma delas é composta de vários poemas, ou ainda, de várias vozes que se cruzam, ora em uma totalidade dramática, ora em uma totalidade lírica, buscando um conjunto que se quer épico, mas um épico moderno.” (FERRAZ, 2010, p. 110-111).

Na parte que se denomina “Mar Português”, vemos um poema homônimo, que alcança, através da palavra em verso, a façanha de reunir em duas sextilhas séculos de história e ufanismo do mítico povo lusitano. Em especial, neste poema, vemos uma singela intimidade do autor português ao referi-se *ao mar*, confiando-lhes lamentos e indagações, devaneios e inquietações referentes às tristezas e conquistas advindas das suas águas salgadas. Para a contemplação dessa façanha, vale à pena citar o próprio poema:

*Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!*

*Valeu à pena? Tudo vale à pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.*
(PESSOA, 1934, p. 66)

Com este belíssimo poema, Fernando Pessoa coroa o *mar* com protagonismo na história portuguesa. Esse personagem-meio, que já havia sido considerado como barreira de isolamento da terra lusitana vem a tornar-se posse honrosa para Portugal. Um objeto de temor, mas, ao fim, um bem português que revela o que há de mais ilustre no povo lusitano: sua resiliência diante do desafio e do medo advindos do mistério em face da conquista.

O Bojador (cabo Bojador, na costa africana, na altura do Saara ocidental), citado no poema, era considerado o limite do mar navegável, pois se acreditava que os ventos e as correntes impossibilitariam o registro de quem o dobrasse (ou, ainda, que existiam ali monstros marinhos). O português Gil Eanes, em 1434, finalmente foi além do Bojador e voltou, estabelecendo novos horizontes para a navegação europeia. Assim como a Taprobana n’*Os Lusíadas*, o Bojador foi transpassado e, aquém dos perigos, o povo lusitano demonstra caráter forte e resiliente perante tais perigos marítimos. Júlia Tomás (2013) aborda o medo que acometia o homem medieval ao deparar-se com tais limites costeiros:

A passagem dos cabos foi um verdadeiro problema, quer do ponto de vista técnico quer psicológico. Os cabos constituíam problemas reais e eram marcados por uma profunda carga imaginária. A maior dificuldade que os cabos apresentavam não era a passagem em si própria, mas o regresso devido às correntes contrárias. Naturalmente, ao vencer cada cabo, o imaginário do desconhecido avançava para a etapa geográfica seguinte. A dobragem do Cabo Bojador constitui um primeiro ‘momento arquétipo de convivência direta e real com uma das maiores fontes de terror da Idade Média’ (Lopes, 1993: 89). [...] Os navegadores, ao quererem ter sempre terra à vista, aproximavam-se demasiado embatendo no recife. É de notar, no entanto, que do ponto de vista técnico a dobragem não se averigua difícil, pois basta que o navio se afaste da costa. A verdadeira dificuldade residia na resistência mental por causa da incerteza do regresso. Gil Eanes destaca-se não só pelo feito da dobragem, mas também por ter conseguido vencer o medo da queda no abismo do mar que a sua tripulação sentia. Com a passagem do Cabo Bojador, o medo viajou mais para sul, para o Cabo da Boa Esperança que se tornou no receptáculo dos medos anteriores. Aqui o medo tem todo o direito de existir, pois ainda hoje é considerado um cabo difícil que constitui um verdadeiro desafio à mestria das técnicas náuticas. Notemos que devido às cruéis manifestações naturais nesta zona geográfica o imaginário tormentoso do desconhecido, mais uma vez, se consolidou através da angústia do vivido. (TOMÁS, 2013, p. 36)

Torna-se, assim, evidente os obstáculos reais e imaginários que tais homens precisavam vencer ante o desejo pela expansão dos territórios e do conhecimento, trazendo o homem do medievo à clara verificação dos desafios reais, mas plenamente possíveis de serem conquistados, a partir do momento em que estes “conheciam o desconhecido” e desbravavam-no. Tais feitos, como “a mudança do nome de Cabo das Tormentas para Cabo da Boa Esperança é um verdadeiro marco que ilustra a passagem do imaginário medieval para o imaginário renascentista e prometeico.” (TOMÁS, 2013, p. 36).

A forma como o *homem lusitano* encarou o mar – resultante também da época em que tais navegações aconteciam: tempos de exílio da obscuridade social, filosófica, cultural da Idade Medieval – distingui tal homem de tantos outros nas obras literárias de Camões e Pessoa, advindas da herança histórico-social deste povo. Tais obras: *Os Lusíadas* e o poema *Mar Português* em *Mensagem*, além de relatarem a história, trazem também a alma lusitana de encantamento, reverência e temor do povo português em frente ao seu amado e temido *mar*.

3.1 A Resiliência do *Homem-Português* em Atravessar o Mar nas Obras de *Camões* e *Pessoa*

Assim sendo, a determinação em se lançar ao mar, que poderia, também, suscitar no português o medo do mar desconhecido, sendo o mar, ainda, uma nociva jurisdição para o homem medieval, vem descortinar a bravura do povo que não para nem diante da iminente possibilidade de morte, e, até mais, da incerteza do destino.

Em um trecho introdutório do artigo *O Imaginário do Mar na Constituição da Identidade Portuguesa*, de Julia Tomás (2011), vemos a perspectiva dos homens medievais com relação ao grande e incógnito mar:

O valor espiritual e iniciático do mar revelam-se sob a inspiração mitológica e religiosa. Desbravar os mares era, não só uma prova de coragem, mas também de fé. As crenças e superstições dos marinheiros passavam de boca em boca por causa do medo do desconhecido. Devido ao número elevado de naufrágios na aurora da época dos Descobrimentos, é fácil imaginar a quantidade de rumores que navegavam de porto em porto. [...] Basta apenas salientar o fato que, por essa altura [no Renascimento cultural], a imaginação do homem europeu estava convertida a uma complexa tecelagem de lendas e mitos servidos pela concepção do inferno dantesco. Compreende-se, assim, o pavor face ao desconhecido (e a necessária coragem para desbravá-lo) e o terror perante a morte, refletido nas imagens do abismo no horizonte. (TOMÁS, 2013, p. 3)

Ao desbravar as águas do Atlântico Sul e do Índico em descobertas marítimas, os portugueses encontraram o empecilho de não saber qual seria a sua sorte, o que, para muitos homens na época, poderia significar um terror ainda pior que a iminência da morte. Não obstante, estudiosos como Massaud Moisés (2008), como vimos, elucidam as peculiaridades geográficas, como a proximidade ao mar e sua localização na ponta peninsular ibérica, e estas fazem-nos ter a impressão de que Portugal parecia ser empurrado contra o mar, fazendo com que toda sua história, literária ou não, atestasse o sentimento de busca de um caminho que só o

mar representa e pode representar – o caminho da ida ao desconhecido, *perigo* e *abismo* retratado no *Mar Português* de Pessoa. No entanto, para além das perdas que a travessia do mar veio causar estava a busca pela glória e êxito – o *reflexo do céu*. A grandeza de alma descrita por Pessoa em seu referido poema é atribuída ao povo português, para o qual vale a pena ir além dos limites até então impostos ao resto do mundo.

Bem como vimos, *Os Lusíadas* apresenta-se como obra que evidencia a ida ao mar como característica destemida que estabelece uma distinção entre Portugal e qualquer outro povo que navegasse no início do século XV. Parafraseando Camões, as naus portuguesas são descritas como aquelas que *vão por mares nunca antes navegados*, conquistando muito além do que fora conquistado *pelo Grego e o Troiano, muito além do que prometia a força humana*. Portugal via-se como detentora das habilidades e coragem maiores que a de qualquer outra nação para se lançar ao mar, como se esta se lançasse ao seu *destino* mítico. A largueza da superfície dos oceanos refletiria – como *o mar reflete o céu* – a grandeza de Portugal. Aquém disto, estava o medo ou pavor diante do desafio, pois *valeria a pena*, já que tão grande quanto o desafio era a *alma* portuguesa.

Ainda, ao atentarmos para a glória conquistada pelos portugueses por seus empreendimentos ao mar, o que muito nos chama atenção é a outra face da glória, a descrição dos infortúnios que se seguem à história de tais homens. Como já descrito anteriormente no presente trabalho, as dificuldades que qualquer embarcação da Idade Média encontraria, baseia-se no fato de esta encontrar-se em território hostil, sendo um frágil amontoado de madeira sob a incógnita imensidão azul. Dessa forma, como percebemos na narrativa de Camões, o tormento de se estar ao mar vinha de diversas fontes: *No mar tanta tormenta e tanto dano,/Tantas vezes a morte apercebida!* (CAMÕES, Canto I, p. 8). E ainda:

*E porque, como vistes, têm passados
Na viagem tão ásperos perigos,
Tantos climas e céus experimentados,
Tanto furor de ventos inimigos,
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa Africana como amigos;
E, tendo guarnecido a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota.*
(CAMÕES, Os Lusíadas, 2000, Canto I, p. 8)

Assim, há que se evidenciar por quais infortúnios a tripulação de uma embarcação medieval enfrentava em sua jornada, dado o nível de conhecimentos científicos e a disponibilidade de tecnologia da época. Aquém do verso, com toda sua inspiração e poética, há o que sabemos através dos relatos históricos de tais fatos.

As obras literárias que versamos vêm, assim, figurar o que a história contou, mas com a carga poética magistral de grandes autores da literatura mundial. Além do medo advindo da instabilidade de embarcações tão pequenas em face do inóspito e gigantesco mar a ser desbravado, os danos à saúde dos tripulantes das empreitadas em “mares nunca antes navegados” era um mal quase previsível. Tomás (2013) traz em seu trabalho uma importante descrição de como se deu a travessia dos portugueses no caminho das Índias, ao retratar que “a primeira armada enviada para as Índias, que marcou o sucesso de Vasco da Gama, foi uma catástrofe do ponto de vista humano: se a viagem da ida fora arriscada e perigosa, a viagem de volta fora marcada pelo escorbuto.” (p. 40). A autora também relata que de mais de cento e cinquenta homens, apenas cerca de cinquenta regressam a Lisboa. Vemos exemplos de tais fatos descritos em Camões em um trecho d’*Os Lusíadas*:

*E foi que, de doença crua e feia,
A mais que eu nunca vi, desampararam
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram.
Quem haverá que, sem o ver, o creia,
Que tão disformemente ali lhe incharam
As gengivas na boca, que crescia
A carne e juntamente apodrecia?*

*Apodrecia c’um fétido e bruto
Cheiro, que o ar vizinho infeccionava.
Não tínhamos ali médico astuto,
Cirurgião subtil menos se achava;
Mas qualquer, neste ofício pouco instruto,
Pela carne já podre assim cortava
Como se fora morta, e bem convinha
Pois que morto ficava quem a tinha.*

*Enfim que, nesta incógnita espessura
Deixamos para sempre os companheiros
Que em tal caminho e em tanta desventura
Foram sempre conosco aventureiros.
Quão fácil é ao corpo a sepultura!
Quaisquer ondas do mar, quaisquer outeiros
Estranhos, assim mesmo como aos nossos,
Receberão de todo o Ilustre os ossos.*
(CAMÕES, *Os Lusíadas*, 2000, Canto V, p. 233)

E diante de tantas intempéries, vemos a bravura e resiliência de um povo diante de seu amigo e carrasco: o mar trouxe a glória e levou a muitas lágrimas, pois “tendo em conta o nível de perigo e de dificuldade das viagens, muitos não queriam partir. A bordo, para além do escorbuto e do tifo, os longos períodos nas águas calmas eram marcados pela fome, pela sede, pelo sol ou pelo frio e, sobretudo, pelo medo.” (TOMÁS, 2013, p. 43).

Pessoa, por sua vez, ilustra tais infortúnios vividos em mar em seu poema *Mar Português* através da figura das lágrimas. Quanto deste mar salgado português não seria composto das lágrimas do povo lusitano? Mães, filhos, noivas portuguesas... Todo um povo prostrado diante do sofrimento causado pelo mar, pelo preço que este cobraria pelo sucesso e êxito de Portugal como o grande império que se tornou. Berardinelli (1985) une, em uma mesma perspectiva, tais obras:

Como Camões, Pessoa reflete sobre as conseqüências dos feitos cantados [n' *Os Lusíadas* e em *Mensagem*]. N' *Os Lusíadas*, a reflexão é feita ao iniciar-se a viagem de Vasco da Gama, e pela boca pessimista do Velho do Restelo; em *Mensagem*, o poeta fala por sua própria boca, lamentando os prantos e as perdas, mas concluindo que 'tudo vale a pena'. O poema é *Mar Português*, um dos mais conhecidos de Pessoa. (BERARDINELLI, 1985, p. 9).

Dessa forma, a distinção deste povo estaria na sua *resiliência*. Mesmo diante da iminente perda, morte e sofrimento, valeria a pena ir além, continuar, avançar por mares ainda mais longínquos e desconhecidos, pois *tudo vale a pena se a alma não é pequena*, e a alma do povo lusitano teria a vastidão que seu império alcançou. Neste mar, onde há abismo e perigo, Deus espelhou o céu: o imenso, desbravado e conquistado pelos portugueses através do mar – *o mar português*.

“VALEU A PENA...”

Ao aproximarmos o poema pessoano da perspectiva de exaltação mitológica de Portugal em *Os Lusíadas*, percebemos o enaltecimento da “alma” portuguesa diante da forma resiliente que percorreu seu itinerário de conquistas frente ao *mar português*, aquém do medo que vigorava no homem medieval em frente aos perigos desconhecidos do mar.

Assim, *Os Lusíadas* de Camões e *Mar Português* de Fernando Pessoa, estabelecem uma relação de ilustração de um aspecto significativo do povo português, que seria o caráter lusitano de resignação diante da desafiante ida (de encontro) ao *mar* nas conquistas marítimas.

Tanto Camões como Pessoa, trazem em suas obras a reflexão sobre os pesares que a ida da nação portuguesa ao mar acarretou, em como isso veio impactar essa sociedade em um todo, no que se refere ao pensamento coletivo de crescimento em detrimento da perda das valiosas vidas portuguesas.

Tomando, desse modo, *Os Lusíadas* e *Mar Português*, percebemos transparecidas nas obras o impacto que essa decisão de se lançar ao mar nas navegações marítimas de cunho desbravador alcunhou na alma do povo português que, culturalmente, ainda carrega esse fado, esse pesar, de, mesmo muito tido ganhado em glórias, também tanto ter perdido em gente lusitana.

Essa exaltação demonstra a visão grandíloqua tida da nação lusitana, reafirmando sua distinção, sendo esta a nação que, por sua elevação, viria a cumprir seu destino mítico em frente à incumbência descrita como divina. Já aos olhos do poeta Pessoa essa dor, medo e pesar vividos pelo povo lusitano em sua busca pela formação do Império foram transpostos, pois não há limites para a nação cuja alma é elevada e vasta como a do povo português. Assim, por fim, tudo teria valido a pena.

REFERÊNCIAS

AFONSO, A. M. **Breve história de Portugal**. 3. ed. Porto: Porto, 1960.

BERARDINELLI, Cleonice. “Mensagem”. In: **Revista Letras U. F. C.**, julho/dez. – jan../jun., 1985/86. Disponível em: <revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/download/5173/3798> Acesso em: 10 out. 2018.

BIRMINGHAM, David. **História concisa de Portugal**. Tradução de Daniel M. Miranda. São Paulo: EDIPRO, 2015.

BOXER, Charles R. **O império marítimo português 1415-1825**. Lisboa: Edições 70, 1969.

BROWN, Sonia M. R. (2011) As Quina de Mensagem e a “Ínclita Geração” em Os Lusíadas. **Revista Desassossego**, 3(5), p. 14-36. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/36503>> Acesso em: 23 dez 2018.

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. In: _____. *Obra completa*. Leitura, prefácio, e notas de Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Apresentação de Aníbal Pinto de Castro. 4. ed. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros: Instituto Camões, 2000.

CODÁ, Rita. *Mensagem* (Fernando Pessoa). Curso de Extensão: Tópicos essenciais do discurso épico. Faculdade de São Bento/RJ. Resenha de: QUESADO, Clécio. **Labirinto de um livro à beira-mágoa**. Rio de Janeiro: Elo Editora, 1999.

COELHO, Jacinto do Prado. **A originalidade da literatura portuguesa**, 3. ed. Lisboa: ICLP-ME, 1992.

FAVA, Fernando Mendonça. Mito Sebástico: Realidade supra-realidade. In: **Estudos do Século XX**, n. 08 (2008), p. 263-276.

FONSECA, Luís Adão. O imaginário dos navegantes portugueses dos séculos 15 e 16. **Estudos Avançados**, 6(16), 1992.

MARNOTO, Rita. **Sete ensaios camonianos**. Coimbra: G. C. Gráfica de Coimbra, Ltda, 2007.

MARQUES, A. H. de Oliveira. **Breve história de Portugal**. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1998.

MARTINS, Fernando Cabral. **Introdução ao estudo de Fernando Pessoa**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2017.

MARTINS, J. Cândido. **O mar, as descobertas e a literatura portuguesa (1998)**. Disponível em: <<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/candid02.htm>> Acesso em: 25 out. 2018.

MARTINS, Oliveira. **História de Portugal**. 3. ed. emendada. Lisboa: Viúva Bertrand, 1882.

MATTOSO, José; TENGARRINHA, José (Org.). **História de Portugal**. 2. ed. Bauru, SP, 2001.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 37. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

PAIVA, José Rodrigues. **Celebrando Camões**. Recife: Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, 2016.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira. O mar e a lusofonia. **Errâncias do imaginário**. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 2015. Disponível em: < <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13432.pdf> >. Acesso em: 11 nov. 2018

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Fernando Pessoa, alguém do eu, além do outro**. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. São Paulo: Abril, 2010. (Clássicos Abril Coleções, vol. 24).

PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura**: através de textos comentados. 5 ed. São Paulo: Ática, 1978.

RIBEIRO, Nuno (Org.); SOUZA, Cláudia (Org.). **Fernando Pessoa, escritos sobre metafísica e arte**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

RODRIGUES, Inara de Oliveira. **Literaturas de língua portuguesa**: história, sociedade e cultura. Ilhéus, BA: Editus, 2012.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. 17. ed. Porto: Editora Porto, 2008.

TABOADA, Nina G.; LEGAL, Eduardo J.; MACHADO, Nivaldo. Resiliência: em busca de um conceito. **Rev. Bras. Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 104-113, dez. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412822006000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 dez. 2018.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

TOMÁS, Júlia. O imaginário do mar na constituição da identidade portuguesa. **II Congresso CITCEM O Mar: Patrimônios, Usos e Representações**. Universidade do Minho, 2011. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/228333130_O_imaginario_do_mar_na_constituicao_o_da_identidade_portuguesa> Acesso em: 03 out. 2018.

_____. **Ensaio sobre o imaginário marítimo dos portugueses**. Braga: CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2013. Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/121/showToc> Acesso em: 03 out. 2018.

YUXIONG, Zhang. **O povo português, segundo Teófilo Braga: raça e gênio**, 2016.
Disponível em: <<https://ria.ua.pt/.../1/O%20povo%20português%20segundo%20Teófilo%20Braga.pdf>> Acesso em: 15 dez. 2018.